

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano V — Número 59

Novembro de 1967

Semana de Oração e Sacrifício

(4 a 11 de Novembro de 1967)

«Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles» (Heb. 7:25). Digam o que disserem os homens, este texto declara que Deus vive e salva. Nisto nós cremos.

Durante esta Semana de Oração nós, como adventistas, vamos meditar e considerar uma básica verdade evangélica. Ela é simples e, na essência, resume-se nisto: Não é o conhecimento, a posição ou a actividade que salva, mas a fé em Cristo e n'Ele só. O discernimento intelectual e as boas obras têm o seu lugar na vida cristã, mas a fé e a apropriação da graça redentora incorporada apenas numa Pessoa viva pode salvar-nos. Isto é fundamental.

Para além de toda a controvérsia, tem havido apenas um meio de salvação desde o princípio do tempo — «o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo». E não haverá outro, porque «debaixo do Céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos». Fora de Cristo não há justificação, santificação ou glorificação. Ele é a nossa única salvação e a nossa única esperança. Sua vida, Sua obediência e Sua justiça substituem as nossas. «Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim» (Gál. 2:20).

Quando Cristo é feito o Alfa e o Ómega da experiência religiosa pessoal, tudo o mais se segue natural e inevitavelmente. Obediência, dedicação, actividade, liberalidade, sacrifício e unidade com os irmãos brotam da nossa relação com Cristo. Ele é o centro, fonte e incorporação de toda a verdadeira doutrina bíblica. O Seu Espírito, em harmonia com as Escrituras, ensina ao crente devoto tudo o que lhe é necessário saber acerca da Criação, dos Dez Mandamentos, da encarnação, crucifixão, ressurreição, juízo, Segunda Vinda, e a vida futura. Acerca disto escreveu a Serva de Deus:

«A prova da verdade da Palavra de Deus encontra-se nela própria. As escrituras são a chave que abre as escrituras. O significado profundo das verdades da Palavra de Deus é-nos desvendado à mente por Seu Espírito. . . . Os que consultam o divino oráculo terão percepção na Bíblia, todo o dever é esclarecido. Toda a lição dada é compreensível. Cada lição revela-nos o Pai e o Filho. A Palavra é capaz de fazer-nos sábios para a salvação». — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, pág. 236.

Sendo assim, durante esta semana apelamos aos nossos pastores e dirigentes das igrejas a que levem o nosso povo a uma relação salvífica com «o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo», cujo conhecimento é «vida eterna». (João 17:3). Que toda a semana, bem como os dias que se seguem, seja consagrada não às dúvidas, especulações e suposições de homens fálveis, mas a considerar e seguir Aquele que é «o Deus eterno» e «o caminho, a verdade e a vida». No nosso caminho brilha a luz que vem da cruz do Calvário e do santuário celeste. Unidos, «andemos na luz, como Ele na luz está», e consagremo-nos totalmente à terminação da comissão evangélica.

Os Officiais da Conferência Geral

Cristo, Minha Necessidade

por Ellen G. White

A Igreja de Cristo é o instrumento designado por Deus para a salvação dos homens. A sua missão é levar o Evangelho ao mundo. Jesus disse aos representantes da Sua Igreja: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura». (Marcos 16:15).

Não há limite para esta ordem. As boas novas de um Salvador, — Cristo morrendo como sacrifício sobre o Calvário, Cristo pleiteando como nosso sumo sacerdote e intercessor perante Deus, Cristo nosso Rei e Libertador, vindo para reunir os Seus filhos, — esta é a mensagem que deve ser levada a todo o mundo, a toda a nação, tribo, lingua e povo. E a obrigação incumbe a todos os cristãos. Cada um, dentro do máximo de seu talento e oportunidade, deve cumprir esta comissão. O amor de Cristo, a nós revelado, torna-nos devedores a todos os que O não conhecem...

Não podemos partilhar a luz do Céu a não ser que a tenhamos recebido. Não podemos revelar um Salvador, se dele não tivermos conhecimento. Não podeis ensinar outros acerca de Jesus e da Sua Justiça, não podeis apresentar o Seu incomparável amor e a plenitude de Sua graça, não podeis manifestá-l'O como o tudo em tudo do cristão, como confortador e guia dos homens, a não ser que o vosso coração esteja cheio com o Seu amor. Não podereis apresentar Deus como um Deus de compaixão e amor a não ser que possais dizer: «Provei e sei que o Senhor é bom».¹

Todo o Homem Necessita de Cristo

Em seu estado de inocência, o homem vivia numa feliz comunhão com Aquele «em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência». Mas, depois do pecado, não podendo já encontrar prazer na santidade, procurou esconder-se da presença de Deus. Tal é ainda hoje o estado do coração não convertido. Não bate em unisso-

no com o coração de Deus e não encontra prazer algum em Sua comunhão...

Nossos corações são maus, e não os podemos transformar. «Quem do imundo tirará o puro? Ninguém.» (Job 14:4). «A inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à Lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser». (Rom. 8:7). A educação, cultura, o exercício da vontade, os esforços humanos, tudo tem sua legítima esfera de acção, mas neste caso são impotentes. Poderão levar a um procedimento exteriormente correcto, mas não podem mudar o coração; são incapazes de purificar os mananciais da vida. Para conduzir os homens do estado de pecado ao de santidade, é preciso um poder interior, uma nova vida que proceda do alto. Esse poder é Cristo. Apenas a Sua graça é que pode vivificar as faculdades inertes da alma, e atraí-las para Deus, para a santidade.

A Experiência do Novo Nascimento é Essencial

Disse o Salvador: «Aquele que não nascer de novo» — que não receber um coração novo e aspirações novas, que o conduzam a uma nova vida—«não pode ver o Reino de Deus». (João 3:3). A ideia de que basta desenvolver o bem que por natureza existe no homem, é um erro fatal. «O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.» (I Cor. 2:14). «Não te maravilhes de te ter dito: necessário vos é nascer de novo». (João 3:7). Acerca de Cristo diz a Escritura: «N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens», e «nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos». (João 1:4; Actos 4:12).

Não basta entrever a bondade de Deus. Sua benevolência, Sua ternura paternal. Não basta reconhecer a sabedoria e justiça de Sua lei, e que ela se baseia sobre o eter-

no princípio de amor. — Paulo, o apóstolo, tinha conhecimento de tudo isso quando exclamava: «Consinto com a lei, que é boa». «A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom». Acrescentava, porém, na amargura de Sua íntima angústia e desespero: «Mas eu sou carnal vendido sob o pecado». (Rom. 7:16, 12, 14.) Suspirava por uma santidade e por uma justiça que se sentia impotente para alcançar por si mesmo, e exclamava: «Miserável homem que eu sou, quem me livrará do corpo desta morte?» (Rom. 7:24). Tal é o brado que tem subido, em todas as terras e em todos os tempos, dos corações oprimidos pelo sentimento do pecado. Para todos só existe uma resposta: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo». (João 1:29).²

União com Cristo

Diz Jesus: «Sem Mim nada podeis fazer» (João 15:4, 5). Nosso crescimento na graça, nossa alegria, nossa utilidade — tudo depende da nossa união com Cristo. É pela comunhão com Ele, todo o dia, toda a hora, é permanecendo n'Ele, que podemos crescer em graça. Ele é não sómente o autor mas também o consumidor da nossa fé. É Cristo primeiro e sempre, em tudo e por tudo. Ele deve estar connosco, não só ao princípio e ao fim da nossa carreira, mas a cada passo do caminho. Diz David: «Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim: por isso que Ele está à minha mão direita nunca vacilarei». (Sal. 16:8).

«Como posso permanecer em Cristo?» — perguntareis vós. Do mesmo modo como O recebestes. «Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai n'Ele». (Col. 2:6). «O justo viverá da fé». (Heb. 10:38). Entregastes-vos a Deus para serdes inteiramente Seus, para O servirdes e Lhe obedecerdes, e aceitastes a Cristo como vosso Salvador. Não podíeis por vós mesmos expiar os vossos pecados ou mudar o vosso coração; mas tendo-vos dado a Deus, crestes que Ele faria tudo por vós, por amor de Cristo. Pela fé viestes a pertencer a Cristo; é ainda pela fé que deveis crescer n'Ele — dando e recebendo. Deveis *dar* tudo — vosso coração, vossa vontade, vosso serviço — dar-vos a vós mesmos; e deveis *receber* tudo — Cristo, a plenitude de todas as bênçãos, a vossa força, a vossa justiça, o vosso amparo constante.³

Completa dependência

Uma união com Cristo para uma fé viva é duradoira; qualquer outra união tem de perecer. Cristo primeiro escolheu-nos, pagando um preço infinito pela nossa redenção; e o verdadeiro crente escolhe Cristo como o primeiro, o último e o melhor em tudo. Mas esta união custa-nos algo. É uma relação de completa dependência a que um coração altivo tem de submeter-se. Todos os que formam esta união têm de sentir a sua necessidade do sangue expiatório de Cristo. Têm de passar por uma mudança de coração. Têm de submeter a sua própria vontade à vontade de Deus. Haverá uma luta com obstáculos exteriores e interiores. Tem de haver uma penosa obra de desprendimento, bem como uma obra de renúncia. O orgulho, o egoísmo, a vaidade, o mundanismo — o pecado em todas as suas formas — têm de ser vencidos, se queremos entrar em união com Cristo. A razão porque muitos acham a vida cristã tão deploravelmente difícil, porque são tão inconstantes, tão volúveis, é porque procuram ligar-se a Cristo sem se desligar destes acariciados ídolos...

Os crentes tornam-se um em Cristo; mas um ramo não pode ser sustentado por outro. Tem de ser nutrido por meio de uma ligação vital com o tronco. Temos de sentir a nossa completa dependência de Cristo. Temos de viver pela fé no Filho de Deus. É isto que significa a ordem: «Permanecei em Mim». A vida que vivemos na carne não é para fazer a vontade dos homens, nem para agradar aos inimigos de nosso Senhor, mas para servir e honrar Aquele que nos amou e a Si mesmo Se entregou por nós. Um simples desejo desta união, enquanto as afeições não se desprendem do mundo, dos seus prazeres e dissipações, apenas servirá para tornar o coração mais ousado na desobediência. ...

Transformação do Carácter e Conduta

Enquanto o coração se não render incondicionalmente a Deus, o instrumento humano não permanece na videira, e não pode florescer na videira nem produzir ricos cachos. Deus não fará o mínimo compromisso com o pecado. Se Ele pudesse tê-lo feito, Cristo não teria necessitado de vir ao nosso mundo para sofrer e morrer. Nenhuma conversão é genuína se não mudar

tanto o carácter como a conduta daqueles que aceitavam a verdade. A verdade opera por amor, e purifica a alma».

É de Cristo que necessitamos; a Sua luz, a Sua vida, o Seu espírito, devem ser continuamente nossos. Necessitamos d'Ele a cada hora. E devemos orar... para que como o Sol ilumina a paisagem e enche o mundo de luz, assim o Sol de Justiça brilhe nos recônditos da mente e do coração e nos transforme em luz no Senhor. Não podemos passar um momento sem a Sua presença. O inimigo sabe quando procuramos agir sem nosso Senhor, e está ali, pronto a encher as nossas mentes com as suas más sugestões para nos levar a cair da nossa firmeza; mas é desejo do Senhor que a todo o momento permaneçamos n'Ele e assim n'Ele nos completemos...

Deus deseja que cada um de nós seja perfeito n'Ele, de maneira que possamos representar perante o mundo a perfeição do Seu carácter. Ele deseja que nos libertemos do pecado, para não decepcionarmos o Céu nem entristecermos o nosso Divino Redentor. Ele não deseja que professemos o cristianismo, e ao mesmo tempo nos não apropriemos daquela graça que nos pode tornar perfeitos, a fim de que em nada sejamos achados em falta.

A oração e a fé farão o que nenhum poder na terra pode realizar. Raramente, em todo o sentido, somos colocados duas vezes na mesma posição. Temos continuamente de passar por novas cenas e novas provas onde a experiência transacta não pode ser um guia seguro. Devemos ter a luz contínua que vem de Deus. Cristo está sempre enviando mensagens àqueles que prestam ouvidos à Sua voz.⁵

Olhando firmemente para Jesus

Olhai para Jesus com simplicidade e fé. Contemplai-O até que o espírito desfaleça pela excesso de luz. Não oramos metade do que deveríamos. «Pedi, e dar-se-vos-á». (Lucas 11:9). Orai, crede, fortalecei-vos uns aos outros. Orai como nunca dantes orastes, para que o Senhor sobre vós ponha a Sua mão, a fim de poderdes compreender a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o conhecimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus.⁶

Há muitos loquazes faladores da verdade

bíblica, cujas almas estão tão privadas do Espírito de Deus como estavam privadas de orvalho e chuva as colinas de Gilboa. Mas o que necessitamos é de homens inteiramente convertidos e que possam ensinar aos outros como entregar os corações a Deus. O poder da piedade desapareceu quase por completo em nossas igrejas. E qual o motivo? O Senhor está ainda disposto a outorgar a Sua graça; Ele ainda não fechou as janelas do Céu. Nós próprios nos separámos d'Ele. Necessitamos de fixar na cruz os olhos da fé e crer que Jesus é a nossa força, a nossa salvação.⁷

A nossa condição tornou-se, pelo pecado, preternatural, e o poder que nos restaura tem que ser sobrenatural, de contrário não terá valor. Há um só poder capaz de romper no coração do homem a força do mal, e esse é o poder de Deus em Jesus Cristo. Únicamente pelo sangue do Crucificado pode haver punição do pecado. Sua graça, tão sòmente, pode habilitar-nos a resistir às tendências de nossa natureza caída e sujeitá-las.⁸

Nossa Maior Necessidade

Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Devemos ter a santa unção de Deus, o baptismo do Seu Espírito. Este é o único agente eficiente na promulgação da sagrada verdade.

É o Espírito de Deus que desperta as faculdades inertes da alma para apreciarem as coisas celestiais, e que atrai as afeições para Deus e para a verdade. Aquilo de que necessitamos, de que não podemos prescindir, é do poder do Espírito Santo para cooperar com os nossos esforços. Temos de terminar com toda a condescendência própria. Há uma fraqueza de intelecto, uma falta de fervor religioso, nos que desejam depender de outros, ser animados, solicitados e estimulados. Deve haver um fervoroso anseio, uma fome de alma, pela presença do Senhor. Fazei d'Ele o vosso apoio, a vossa vanguarda e a vossa recompensa. «Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados». Aquele que dotou a mente humana com todas as suas faculdades, moldará essas potências de tal maneira que não haja extremos e que tudo funcione harmoniosamente.

Convidai Jesus a entrar

É para nós um caso de vida ou morte. Fomos feridos de paralisia espiritual, e cada um de nós necessita do auxílio do Grande Médico. Só Ele pode resolver a nossa situação. Apenas está aguardando ser por nós convidado com fervoroso coração, com sincero desejo. Nada falta senão uma preparação do coração; temos de lançar fora o lixo, abrir a porta e convidar Jesus a entrar e a habitar conosco. A oração simples, fervorosa, com fé, atrai sempre a Jesus para o nosso lado como um poderoso ajudador. Ele diz-nos: «Eis que estou à porta, e bato: Se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo». Ele anseia por entrar; está apenas aguardando que Lhe preparemos o caminho, Lhe abramos a porta e Ele entrará. Só se pode esperar um reavivamento em resposta à oração. Quando há reavivamento nas igrejas é porque algum indivíduo procura fervorosamente a bênção de Deus. Ele tem fome e sede de Deus, e pede com fé, e recebe de acordo com essa fé. Ele vai para o trabalho fervorosamente, sentindo a sua grande dependência do Senhor, e almas são despertadas para buscar uma bênção semelhante, e então sobrevém aos corações dos homens um tempo de refrigério.

Muitos estão cansados de um serviço dividido. As suas almas clamam pelo Deus vivo. Não se sentem satisfeitos com uma forma de piedade. Anseiam pela profunda operação do Espírito Santo. Que o cansado e desencorajado clame, como Jacob, pelo Confortador. Que ele derrame a sua alma no lugar secreto perante Deus. Que ele ponha de lado com asco toda a mancha da alma. A obra é entre ele e o seu Deus.

Deus está à obra; Ele opera maravilhas; e embora Ele seja elevado e exaltado, a oração atingirá o Seu trono. Aquele que põe e depõe, Aquele que pode fazer coisas maravilhosas, atenderá a oração contrita da fé do mais humilde dos Seus filhos.

Olhai para Jesus

Não devemos olhar para nós mesmos. Quanto mais nos detemos sobre as nossas imperfeições tanto menor força teremos para as vencer. Jesus diz: «Olhai para Mim,

e sereis salvos». Não necessitamos de estar sempre tropeçando e arrependendo-nos e escrevendo coisas amargas contra nós próprios. É nosso privilégio crer nas promessas da palavra de Deus, e aceitar as bênçãos que Jesus deseja outorgar, para que o nosso gozo seja completo.

Lançai de vós toda a dúvida. Deixai os vossos temores. Obtende a experiência de Paulo quando exclamou: «Estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim». Submetei tudo a Cristo, e deixai que a vossa vida esteja escondida com Cristo em Deus. Então sereis uma força para o bem.

O Senhor não fechou as reservas do Céu depois de ter derramado o Seu Espírito sobre os primeiros discípulos. Nós também podemos receber da plenitude da Sua bênção. O Céu está cheio dos tesouros da Sua graça, e os que vão a Deus com fé podem reclamar tudo o que Ele prometeu.

Suplico-vos que continueis a buscar a Deus, que continueis a beber da fonte da água viva. Podeis ser como uma árvore plantada junto a ribeiros de águas, cujas folhas não caem. Podeis estar cheios de humidade, e refrescar a outros e dar-lhes graça e ajuda.⁹

REFERÊNCIAS

1. Leitura para Sábado, 27 de Dezembro de 1890, em *The Home Missionary*, Nov. de 1890.
2. *Degraus da Vida Cristã*, págs. 15, 16.
3. *Ibid.*, págs. 62, 63.
4. *The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, sobre João 15:4, págs. 1143, 1144.
5. *My Life Today*, pág. 15.
6. *Testemunhos Selectos*, vol. 3, págs. 193, 194.
7. *Testimonies*, vol. 5, págs. 166, 167.
8. *Testemunhos Selectos*, vol. 3, pág. 269.
9. Leitura para Sábado, 27 de Dezembro de 1890, em *The Home Missionary*, Novembro de 1890.

Cristo, Meu Substituto

por R. S. Lowry

A história da criação e da queda do homem é familiar a todos os cristãos. Ao contemplarmos a tragédia do que então ocorreu, o nosso coração é tocado pela compreensão do que deve ter constituído uma inexprimível tristeza para Adão e Eva quando reconheceram que a sua falta de fé em Deus e na justiça da Sua lei lhes tinha trazido a sentença de morte e de separação d'Ele.

O Senhor dissera: «Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, ... não comereis dele, nem nele tocareis, *para que não morrais* (Gén. 3:3). Encontrava-se aqui a indicação de que a falta de prontidão em aceitar a palavra de Deus e viver de acordo com ela devia inevitavelmente ter como resultado a morte. E assim, pela sua falta de fé o homem sucumbiu à cilada do tentador e teve de sofrer as consequências, pois «o salário do pecado é a morte». (Rom. 6:23).

Mas não só o homem ficou penalizado pela entrada do pecado na existência humana; também Deus ficou! «O amor divino moveu-se até às suas insondáveis profundidades em favor dos homens» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 614). No meio da tragédia pela qual a Sua criação ficou sujeita aos estragos do pecado, e quase imediatamente após o homem ter desprezado os divinos conselhos, Deus pôs em acção o plano da salvação, preparado para tal eventualidade «desde a fundação do mundo» (Apocalipse 13:8). Ao mesmo tempo que foi pronunciada a sentença sobre o solitário par, o grande e eterno amor de Deus revelou-se ao homem com a promessa da vitória no conflito que devia travar-se entre a sua semente e a da serpente. O próprio Cristo Se comprometeu a tornar-Se «o substituto e penhor» do homem pois não podia contemplar «seres humanos sujeitos à ruína eterna sem entregar Sua vida à morte por eles» (*Parábolas de Jesus*, pág. 157).

Tal vitória porém só se tornaria possível pela demonstração da justiça da Lei de Deus, pois a validade do seu fundamento de amor tinha sido posta em causa. Daí, visto a lei

exigir a morte como pena da desobediência, o autor da lei devia estar preparado a cumprir as suas exigências. «A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações» (*Patriarcas e Profetas*, pág. 57). Foi assim, é-nos dito, que o amor infinito *impeliu* o Pai e o Filho a fazerem o sacrificio necessário, a fim de que pudesse ser demonstrado perante o universo «que a justiça e a misericórdia são o fundamento da lei e do governo de Deus» (*O Conflito dos Séculos*, pág. 544).

A Lei Requer Obediência

Mas mais do que isto. Não era só a pena da lei que tinha de ser cumprida pelo Substituto mas também os seus requisitos de obediência. Por isso, tornou-se necessário que Cristo vivesse na terra como um «cordeiro sem mácula» afim de prover uma expiação satisfatória e qualificar-se para pagar o resgate do homem. Acerca disto lemos: «Jesus morreu, o justo pelos injustos, o inocente pelos culpados, a fim de que a honra da lei de Deus pudesse ser preservada». — Ellen G. White em *Signs of the Times*, 15 de Outubro de 1896, pág. 5.

Diz o salmista: «O Teu caminho, ó Deus, está no santuário» (Salmo 77:13). O propósito do serviço sacrificial era levar o homem a olhar para a separação que ocorrera no Éden devida à falta de fé na palavra de Deus; e também levar os olhos da fé para o tempo prometido em que «o Cordeiro de Deus» morreria em seu lugar e «tiraria o pecado do mundo» (João 1:29). Assim como a falta de fé tinha ocasionado a queda do homem, também «a fé é a condição sob a qual Deus houve por bem prometer perdão aos pecadores» (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 366). Nesse sentido os serviços sacrificiais diários deviam simbolizar a necessidade de uma «consagração diária» e de «uma constante dependência do sangue expiatório de Cristo» (*Patriarcas e Profetas*,

pág. 364). Ao mesmo tempo que deviam lembrar que «quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue, e sem derramamento de sangue não há remissão» (Heb. 9:22), deviam também lembrar o facto de que «a revelação do amor de Deus para com os homens se centraliza na cruz» (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 423). Era assim que a fé na «semente da mulher» devia também representar a fé na recepção do perdão por meio dos méritos do sangue redimidor de Cristo.

Satanás põe em dúvida a Lei

Na jardim do éden, Satanás tentou desacreditar a Deus pondo em dúvida a racionalidade de Sua lei. «É assim que Deus disse?» ironizou ele (Gén. 3:1). Hoje o seu ataque não é diferente! Naquela altura Eva foi levada a depositar confiança na racionalidade de seus próprios actos; hoje milhares de pessoas são induzidas a depender de suas boas obras para a própria salvação. Com efeito, o princípio de que o homem pode e deve salvar-se pela sua vida boa encontra-se subjacente não só no âmago de todas as religiões e filosofias pagãs mas está também entretecido em muito do que passa por ser cristão. Satanás encorajaria esta disposição para a confiança própria por meio do coração altivo que se esforça por ganhar a salvação a fim de que o homem não possa beneficiar do sacrificio vicário de Cristo, pois reconhece que «tanto o nosso título ao Céu, como a nossa idoneidade para ele, encontram-se na justiça de Cristo» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 220).

Em certo sentido o pecado de Eva era uma autosuficiência, que a levou até ao ponto de a afastar da fé simples num «Assim diz o Senhor» e a continuar apenas na razão como norma de vida. A palavra da verdade indica que «Deus, que é riquíssimo em misericórdia», mostra «a Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus» e oferece a salvação e o regresso ao nosso estado perdido «pela graça... por meio da fé» como um «dom de Deus» (Efés. 2:4-8). Assim, «A Lei requer justiça, e esta o pecador deve à lei... A única maneira em que o pecador pode alcançar a justiça é pela fé. Pela fé pode ele apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor lança a obediência de Seu Filho a crédito do pecador». (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 367). Por outro lado, «é o estudado designio de Satanás impedir as

almas de crer em Cristo como sua única esperança» (*Obreiros Evangélicos*, pág. 158). Não obstante, o homem deve centralizar suas «esperanças quanto ao Céu sómente em Cristo, porque Ele é nosso substituto e penhor». (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 363).

Não há Justiça no Homem

É evidente que Deus deseja que compreendamos que no homem «não habita bem algum» (Rom. 7:18), que entre os homens «não há um justo, nem um sequer» (cap. 3:10), que o homem «nada tem de si mesmo que não seja maculado e corrupto, poluido de pecado, inteiramente repulsivo a um Deus puro e santo» (*Ibid.*, pág. 342). Mas enquanto éramos impotentes para nos ajudarmos a nós próprios, Cristo morreu pelos homens pecadores.

Acerca disto disse a serva do Senhor: «O inimigo de Deus e do homem não quer que esta verdade seja claramente apresentada; pois sabe que, se o povo a aceitar plenamente, está despedaçado o seu poder» (*Obreiros Evangélicos*, pág. 157). Grande parte da vitória de Satanás será devida à falta de compreensão e apreço, por parte do homem, da natureza desta grande salvação que está ao seu dispor por meio do sacrificio vicário de Cristo.

Sobre este ponto, porém, a Escritura é suficientemente clara quando diz: «Sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus» (Rom. 3:24). Assim pode dizer-se que «só os que compreendem que a cruz é o centro de esperança para a família humana podem compreender o evangelho que Cristo ensinou» (*Testimonies*, vol. pág. 8, pág. 206).

«Na expiação revela-se o carácter de Deus» (*O Conflito dos Séculos*, pág. 542). A beleza do tema da salvação resulta, com efeito, do facto de que «Deus amou o mundo de tal maneira» (João 3:16). «Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por 4 000 anos de pecado» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 33). Neste contexto, é impossível descrever o que Jesus o Filho de Deus, experimentou ao ser «contado com os transgressores» (Isa. 53:12). Que angústia do coração deve ter sentido ao

ser «desprezado e rejeitado pelos homens». Por que dor deve ter passado quando «foi ferido pelas nossas transgressões!» (vers. 5). Que fardos deve ter suportado ao aproximar-se a hora da crise e ao lutar no jardim de Getsemane com o destino da família humana nas Suas mãos!

Compelidos ao Sacrifício

Jesus reconhecia que «a terra se obscureceu devido à má compreensão de Deus». Ele compreendia que «para que as tristes sombras se pudessem iluminar, para que o mundo pudesse volver ao Criador, era preciso que se derribasse o poder enganador de Satanás». Ele sentia também que isso não podia ser feito «pela força... Só o amor desperta o amor» (*Ibid.*, pág. 14). Toda esta compreensão, aliada ao amor, constituía um poder interior que O impelia para o sacrifício. A angústia de coração que Ele sofreu era devida ao Seu «senso da ira de Deus contra o pecado». Isso «esmagava-Lhe a alma». (*Ibid.*, pág. 515). Era a Sua compreensão da «malignidade do pecado» e do facto de que o homem pela «familiaridade com o mal... se tinha tornado cego perante a enormidade deste» que pesava sobre ele. «Nem a dor e a ignomínia da cruz Lhe causavam a inexprimível angústia». Era antes a vista de multidões «ao alcance de abundante auxílio» e todavia marchando descuidadas para a morte eterna que Lhe causava o seu «opressivo sofrimento» (*Ibid.* pág. 561).

No que dizia respeito a Jesus, não havia dúvida acerca do Seu próprio destino, pois Ele não necessitava de morrer por Si mesmo. «Cristo desenvolveu um carácter recto aqui na «terra». (*Testimonies*, vol. 3, pág. 371). Ele não tinha cometido pecado; Sua vida era aceitável perante o Pai, e como homem tinha direito à vida eterna com base na Sua obediência perfeita. O diabo nada podia reclamar acerca d'Ele. A necessidade da morte tinha que ver unicamente com o destino do homem pecador. Que isto constituía uma grande luta pessoal revela-se no facto de que ao chegar «o terrível momento... que havia de decidir o destino do mundo», «a sorte da humanidade tremia na balança».

O facto é que Cristo podia então «recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Podia dizer: receba o pecador o castigo do seu pecado, e eu voltarei a Meu Pai». (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 517). Nes-

se momento crucial, a ansiedade deve ter-se apoderado de Satanás quando este compreendeu a importância para si e para os seus seguidores da imminente decisão de Cristo. De igual sorte, o Pai deve ter-se aproximado, pois ele igualmente sabia que uma defeccção da parte de Jesus neste momento significaria que nenhum homem poderia salvar-se! Mas Jesus foi «obediente até à morte» (Fil. 2:8). E foi assim que Jesus, «que não conheceu pecado». Se tornou «pecado por nós» para que pela fé n'Ele possamos ter direito à vida eterna. (2 Cor. 5:21).

Aceitando a Provisão

Num futuro não muito distante, virá o dia em que temos de nos apresentar perante o tribunal de Deus, pois vivemos no tempo em que «vinda é a hora do Seu juízo» (Apoc. 14:7). Além disso, como disse o apóstolo Pedro, o julgamento começará «pela casa de Deus» (I Pedro 4:17). Ora embora talvez tenhamos olhado para estas situações relacionando-as com o tempo (à luz do juízo investigativo), não estamos errados ao notar que o ponto primário salientado aqui pelo apóstolo é a necessidade que tem o povo de Deus de prestar atenção e aceitar a provisão evangélica, pois continua: «Se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?»

A pergunta torna-se ainda mais pertinente quando a apresentamos a nós mesmos, que recebemos a comissão do evangelho, como embaixadores de Cristo. Devemos reconhecer que «o homem... não pode, com o mero esforço humano, efectuar em si próprio uma mudança radical. Tem de aceitar as provisões do evangelho; tem de reconciliar-se com Deus pela obediência à Sua lei e pela fé em Jesus». (*Testimonies*, vol. 4, pág. 294). Se como futuros herdeiros do Reino, havemos de atingir o nosso propósito, temos de exercer o princípio de que é «por meio de Cristo, e de Cristo tão somente, que as fontes da vida podem vitalizar a natureza humana, transformar-lhe os gostos, e colocar-lhe as afeições rumo ao Céu» (*Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 341). Sendo apenas apresentado um caminho para a salvação, podemos dizer com o apóstolo Paulo: «Uma porta grande e eficaz se me abriu» (1 Cor. 16:9). «Pecado algum pode ser cometido pelo homem, para

o qual não se tenha dado satisfação no Calvário». (*Ibid.*, pág. 343). A substituição pelos nossos pecados foi completa, pois nos é dito: «Os pecados de todo aquele que recebe a Cristo foram postos em Sua conta, e Ele satisfaz plenamente a justiça de Deus» (*Fundamentals of Christian Education*, pág. 429). Todavia, completas como possam ser as provisões do evangelho, não serão mais eficazes para nós do que o possa permitir a nossa entrega ao Salvador. Temos de aceitar plenamente o facto da substituição de Cristo em nosso favor, ou então esta de nada nos valerá.

Cristo como nosso Substituto

Se jamais houve alguém que reconheceu ter Cristo morrido em Seu lugar, embora sem talvez compreender que essa morte foi em substituição dos pecados do homem, deve ter sido o malfeitor Barrabás. Ao encontrar-se no meio da multidão que presenciava a cena do Gólgota e ao olhar para os seus colegas no roubo pendendo ao lado de Jesus, ele deve ter murmurado para si mesmo: Ali estaria Barrabás, se não fosse Jesus Cristo! E, quando Jesus clamou em agonia e rendeu o Espírito, Barrabás deve ter

pensado com alívio: Está terminado! Aquele homem morreu em meu lugar. Ali o malfeitor compreendeu que a sua dívida para com a sociedade tinha sido paga por outrem e que ele embora indigno, não necessitava já de sofrer a pena da lei.

E assim foi; e assim deve ser! Jesus «que não conheceu o pecado, foi feito pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (2 Cor. 5:21).

«Verdadeiramente Ele tomou sobre Si as *nossas* enfermidades e as *nossas* dores levou sobre Si; e nós O reputámos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas Ele foi ferido pelas *nossas* transgressões e moído pelas *nossas* iniquidades; o castigo que *nos* traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras *nós* fomos sarados». (Isa. 53:4 e 5).

Não deveríamos exclamar: «Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram... segundo a Sua vontade?» (Heb. 2:3, 4).

«A nós compete decidir ser libertados da escravidão do pecado e participar, se quisermos, na gloriosa liberdade dos filhos de Deus» (*Degraus da Vida Cristã*, pág. 39).

Segunda-feira, 6 de Novembro de 1967

Cristo, Minha Justiça

por G. S. Balharrie

Dentro das fronteiras de um país há poucas restrições para viajar. Podeis ir de uma provincia para outra ou de um distrito para outro sem qualquer dificuldade. Mas já não sucede assim quando desejais passar a fronteira para outro país. Exige-se que paires para ser inspeccionados pela Policia e pela alfândega. Se viajais para país estrangeiro, é-vos certamente perguntado: «Onde está o vosso passaporte?» Se tendes um passaporte válido tudo vai bem, mas se o não tendes não podeis continuar a vossa viagem.

Quando viajais de avião é-vos entregue um cartão por meio do qual vos é dada pas-

sagem para o campo de embarque. Ao entrardes no avião, a hospedeira lança um olhar para esse simples documento, sorri cortezmente, e dirige-vos para o vosso lugar. Tudo se passa com toda a simplicidade. O aparelho gigante em que entrastes pode levar-vos à velocidade do som a uma distante cidade a milhares de quilómetros dali.

Bilhetes de entrada permitem que desfruteis programas e concertos musicais. Um cartão de membro dar-vos-á acesso aos benefícios do clube ou sociedade a que pertenceis. Vemos assim que muitos dos pri-

vilégios e prazeres da vida se podem desfrutar facilmente quando temos a identificação necessária sob a forma de bilhetes, cartões e passaportes. Mas também é claro que não se podem ter esses benefícios se não se estiver em posse desses necessários documentos.

Os Cristãos olham para além deste mundo

Como cristãos, os nossos interesses e objectivos transcendem os prazeres passageiros deste mundo presente. Olhamos para o tempo em que o nosso deleite será desferir o voo até outros mundos. A vida eterna, um eterno gozo, e um lar na terra renovada são alguns dos objectivos que temos em vista. Mas como podemos estar certos de os atingir? Que espécie de bilhete necessitamos para ser admitidos no Reino de Deus? Como podemos obter passagem através das portas de pérola da Nova Jerusalém? É evidente pela Bíblia, e especialmente pelos ensinamentos de Jesus, que alguns desfrutarão as bênçãos do mundo futuro ao passo que outros delas serão privados.

Na entrevista de Cristo com Nicodemos (João 3) o Senhor indicou que um registo pessoal limpo e uma ascendência directa até Abraão não bastavam para entrar no Reino dos Céus. Nicodemos necessitava de estar preparado para apresentar provas de que «tinha nascido de novo». Quando Jesus descreveu a cena do Juízo representou vividamente duas classes de pessoas, as «ovelhas» à direita e os «bodes» à esquerda. Aos que estavam à direita foi estendido o convite para «virem», ao passo que aos que estavam à esquerda foi dito para se «apartarem». Qual a causa desta diferença? O primeiro grupo tinha dado de comer aos famintos, vestido os nus e visitado os doentes. Os outros tinham negligenciado fazer isso (Mat. 25:31-46).

Na parábola dos talentos os «bons e fiéis servos» entraram no gozo do seu Senhor, ao passo que o «mau e negligente servo» foi lançado «nas trevas exteriores» (Mat. 25:14-30). Na parábola das Dez Virgens (versículos 1-13), as jovens com as lâmpadas acesas foram recebidas nas bodas, ao passo que para as outras a porta se fechou e tiveram que ficar de fora.

A Veste Nupcial

Noutra ocasião Jesus contou a história de umas bodas para as quais os hóspedes receberam vestes especiais de sorte que todos pudessem apresentar-se convenientemente trajados. Um homem, porém, procurou entrar sem a veste nupcial e por pouco tempo assim foi deixado, como sucede com os falsos cristãos que entram na Igreja. Mas a pergunta vital é esta: Como podem eles apresentar-se perante o Juízo? Este homem enfrentou a sua hora de juízo quando o rei entrou para saudar os hóspedes. O pobre homem sentiu-se deslocado e ficou sem fala. Mas o rei sabia exactamente o que havia de dizer. Suas ordens foram: «Amarrai-o de pés e mãos e levai-o». A veste nupcial de que ele tão desesperadamente carecia estabeleceu toda a diferença entre a aceitação e a rejeição.

Dar-se-á o caso que a veste nupcial seja também a nossa maior necessidade de hoje? Que simboliza ela realmente na nossa experiência cristã? Notai estas significativas palavras de *Parábolas de Jesus*, pág. 310: «Pela veste nupcial da parábola é representado o carácter puro e imaculado, que os verdadeiros seguidores de Cristo possuirão». Quer isto dizer que um «carácter puro e imaculado» é absolutamente necessário para sermos admitidos nas cortes da Glória e receber o dom da vida eterna? Vêm a propósito estas palavras de *Degraus da Vida Cristã*, pág. 55: «As condições da vida eterna são hoje as mesmas que eram no paraíso, antes da queda de nossos primeiros pais — uma obediência perfeita à lei, uma justiça perfeita».

Buscando a Justiça

Quando um pessoa tem sede vai procurar beber numa fonte, ou nascente ou num poço de água. Quando tem fome vai aonde haja comida. Perguntou Job: «Onde se achará a sabedoria?» (Job 28:12). A grande pergunta que está perante nós é: Onde se achará a justiça?

Algumas pessoas não têm a mínima preocupação por uma vida recta, mas deleitam-se na maldade e sentem gosto em buscar os prazeres do pecado. Não são assim os cristãos. Odiamos o pecado que causou a morte do Filho de Deus, e todavia continuamos a pecar. Paulo enfrentou o mesmo problema quando disse: «Porque o que faço

não o aprovo; pois o que quero, isso não faço, mas o que aborreço isso faço... Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço». (Rom. 7:15-19).

Podemos ter boa saúde, uma boa aparência e vestuário atraente. Podemos sentir que somos ricos e cheios de bens. Mas com toda a honestidade muitos de nós hesitariamos em pretender que tenhamos um «carácter imaculado» ou uma «justiça perfeita». Com efeito alguns de entre nós teremos de reconhecer que por natureza nada possuímos que possa chamar-se justiça. E seria fácil encontrar uma base bíblica para esse ponto de vista. Nos tempos do Antigo Testamento o salmista declarou que «não há quem faça o bem, não há sequer um» (Sal. 14:3) Paulo cita esta passagem e apresenta o seguinte comentário: «Não há justo, nem um sequer» (Rom. 3:10). Evidentemente o homem natural é destituído de justiça; e no entanto isso é precisamente o que devemos ter para entrarmos no Reino de Deus.

Um serralleiro que era conhecido pelas suas maneiras profanas decidiu mudar de procedimento e tornar-se cristão. Os seus companheiros vigiaram-no cuidadosamente para ver que efeito teria a religião sobre a sua linguagem. Um dia quando manejava uma pesada ferramenta, esta escorregou de repente e feriu muito a sua mão. Antes, um acidente como este teria produzido uma tal torrente de pragas que teria tornado o ar azul. Mas desta vez ele sofreu em silêncio e mordeu o lábio enquanto gotas de suor lhe cobriam a fronte. Poucos momentos depois, amainada a tempestade interior, um dos seus colegas observou: «Parabéns, pois veneste». Ao que ele replicou: «Obrigado, mas ainda tenho um longo caminho a percorrer. Não me devo contentar com o domínio da língua e com o deixar de praguejar. Tenho que chegar ao ponto em que nem sequer sinto o desejo de praguejar!» Assim é; mas como chegar a esse ponto?

Anelando pela Justiça

Sim, como chegaremos a esse ponto? No mais profundo do nosso coração desejamos perdoar aquele irmão que nos fez mal. Gostariamos de nos reconciliar com ele, mas o nosso orgulho, ou o desejo de ficar por cima, seca as nascentes curadoras da alma e deixa-nos estiolar no deserto do ódio. Não desejamos cobiçar a casa do nosso próximo ou o seu belo carro ou o seu emprego, mas

apesar disso muitas vezes o fazemos. Anelamos por pureza de pensamento e vida mas como podemos obtê-la?

Lutas como estas criam conflitos reais nos nossos corações humanos. Sim, até nos corações de homens e mulheres cristãos. Como se expressou o apóstolo Paulo, «O querer está em mim, mas não consigo realizar o bem» (Rom. 7:18). Pois bem, Paulo, porventura chegaste a realizá-lo?

Para um grande cristão como Paulo só podia haver uma resposta: «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece» (Fil. 4:13). Isso é maravilhoso, Paulo; sentimo-nos emocionados pela tua triunfante afirmação de fé. Estamos convencidos de que Cristo te deve ter fortalecido para aquelas longas viagens missionárias e ajudado a suportar tão nobremente as numerosas perseguições que enfrentaste. Mas no que respeita a tua vida pessoal e a tua busca da justiça — pôde também Cristo dar a solução para as tuas necessidades? Ouví a resposta: «Para mim o viver é Cristo» (I Cor. 1:30).

Lembraí a história do homem e da veste nupcial. Por aquela veste «é representado o carácter puro e imaculado, que os verdadeiros seguidores de Cristo possuirão» — *Parábolas de Jesus* pág. 310. Mas onde obter esse «Carácter puro e imaculado?» Continuando a citação, lemos: «A justiça de Cristo, Seu próprio carácter imaculado, é, pela fé, comunicada a todos os que O aceitam como Salvador pessoal.» — *Ibid.*

O Dom da Justiça

Paulo refere-se a esta experiência como sendo «o dom da justiça» (Rom. 5:17). Jesus é a nossa fonte de justiça, que recebemos como um dom. No momento em que aceito Cristo como meu Salvador fico de posse de um bilhete para a vida eterna. «A justiça pela qual somos justificados» «é o nosso título para o Céu». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 32. Mas como a atingimos e nos apoderamos dela? Qual é o elo ou a ponte, que nos põe em contacto salvador com esta justiça de Cristo? Numa palavra, a resposta é «A fé».

A fé aceita-a como um facto porque Deus assim o diz. A fé é uma das forças mais poderosas na vida humana. Não podemos viver sem ela. Toda a consecução na experiência humana, tem as suas raízes na fé. Ora Deus diz-nos que Ele tem abundância de justiça ao dispôr de todos quantos desejem

aceitá-la. Está em nós O tomá-l'O em Sua palavra. «A única maneira em que (o pecador) pode alcançar a justiça é pela fé. Pela fé pode ele apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor lança a obediência de Seu Filho a crédito do pecador. A justiça de Cristo é aceita em lugar do fracasso do homem, e Deus recebe, perdoa, justifica a alma arrependida e crente, trata-a como se fosse justa, e ama-a tal qual ama Seu Filho». — *Mensagens Escolhidas*, livro I pág. 367.

Justiça para hoje

É claro, pois, que a justiça de Cristo cobre o nosso passado, de sorte que já não somos atormentados pelos espíritos de ontem. Dá-nos também o nosso título para o Céu e preenche as nossas necessidades para o futuro. E quanto ao presente? Que representa a justiça de Cristo hoje para mim?

Paulo diria: «Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências». (Rom. 13:14). Que efeito terá isso sobre nós? Pela graça de Deus esforçamo-nos por pôr as nossas vidas em conformidade com a vida de Cristo.

É-nos fácil ter a ideia de que a expressão «justiça de Cristo» é apenas uma expressão ou um termo abstracto sem relação com as situações reais de vida. Mas a justiça de Cristo é uma coisa prática. Na realidade, esta frase relaciona-se com tudo o que Jesus faz e, em certo sentido, descreve a espécie de pessoa que Ele era. Para descobrir a manifestação da justiça na carne e sangue reais, devemos olhar para Jesus. Ele é a encarnação da justiça. Lembrai-vos que quando os discípulos de João foram ter a Jesus com a pergunta: «És Tu Aquele que havia de vir, ou esperamos outro?» (Mat. 11:3), Jesus disse-lhes para ouvirem e verem por um momento, e depois voltarem e dizerem a João o que tinham visto e ouvido. As Suas palavras e obras eram o Seu mais convincente testemunho.

Usando a Justiça de Cristo

Jesus convida-nos a revestir-nos da Sua justiça e a usá-la. Ele sabe que nos assemelharemos ao que vemos e agrada-se-á em notar quão maravilhosas as pessoas se mostram quando estão cobertas com o «manto de justiça» e vestidas com os «vestidos de salvação» (Isaías 61:10). Esta mu-

dança de «vestidos» pode produzir uma maravilhosa transformação em nossas vidas, porquanto «todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem» (2 Cor. 3:18). Em Romanos 8:29 Paulo informa-nos que Deus deseja que sejamos «conformes à imagem de Seu Filho», e, por sua vez, o apóstolo Pedro lembra-nos que devemos ser «participantes da natureza divina» (2 Ped. 1:4).

Ellen G. White apresenta-nos como «objectivo do ministério terrestre de Jesus a nova criação do homem à imagem de Deus». (Ver *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 360). Isto significa que «a justiça de Cristo se tornará a nossa justiça». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 107. Isso manifestar-se-á pela espécie de pessoas que somos. «A justiça de Cristo consiste em rectas acções e boas obras realizadas por motivos puros e abnegados». — *Testimonies* Vol. 3, pág. 528.

Qual será o resultado de tudo isto na vida do Cristão? «Aquele que se apodera da justiça de Cristo pode tornar-se um homem perfeito em Cristo Jesus» — *Testemunhos para os Ministros*, pág. 150. Isto certamente leva-nos ao carácter puro e imaculado e à justiça perfeita de que carecemos para entrar no reino. Mas tudo isto é uma obra de graça que, com a nossa cooperação, Deus realiza em nosso favor. «Somos feitura Sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras» (Efés. 2:10).

Deus faz tudo isto para satisfazer apenas os nossos interesses egoístas e dar-nos um passaporte para o Paraíso? Ah, não! O Senhor tem planos muito mais amplos em Sua mente. Cristo deseja que sejamos revestidos da Sua justiça a fim de que as nossas vidas e comportamento possam atrair outros pobres pecadores que necessitam de um Salvador. Paulo diz que estamos colocados por assim dizer no palco de um teatro (1 Cor. 4:9). A nossa tarefa é manifestar os louvores d'Aquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (1 Pedro 2:9). Devemos demonstrar a um mundo indeciso a superioridade da vida cristã. E ao fazê-lo, como sucedeu com Jesus, as pessoas certamente o notarão.

Maravilhosa Justiça

Que havia em Jesus para fazer uma tão profunda impressão sobre as pessoas? O registado do Evangelho está cheio de expressões

como «espantaram-se», «maravilharam-se», «ficaram admirados». Na sinagoga de Nazaré a congregação «maravilhou-se das palavras de graça que saíam da Sua boca» (Lucas 4:22). Quando Jesus pregava o Evangelho usava «palavras de graça». Não viam mais pessoas a Jesus hoje se fizéssemos o mesmo? Numa ocasião em que polícias foram mandados para prender Jesus, voltaram e disseram aos principais dos sacerdotes que «nunca homem algum falou assim como este homem» (João 7:46).

Quão verdade isso era! As palavras de Jesus faziam sempre algo nos corações dos homens. A justiça de Cristo tem que ver com as palavras que Jesus usou e com a maneira como Jesus as usou. Se queremos que a justiça de Cristo se manifeste em nossa experiência, devemos prestar atenção às nossas palavras e ao espírito em que as usamos.

Certamente a nossa conversação cristã deve constituir uma força poderosa para proclamar ao mundo o que a justiça de Cristo pode significar nas vidas humanas.

O que Jesus fez era outro factor que exercia uma influência duradoura sobre aqueles que o viam. Mas então que fazia Ele? Pedro diz que Jesus «andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo» (Actos 10:38).

A justiça de Cristo em nossas vidas trans-

bordará em bênção sobre as vidas dos outros. Muitas pessoas são atormentadas por temores e sobrecarregadas com o peso da culpa. Precisam de que se lhes diga que há bálsamo em Gilead para «curar a alma doente com o pecado». Necessitam de ver que Alguém se preocupa com elas, e que há perdão em Deus.

Jesus cativou a atenção e o interesse das pessoas em Seus dias por que Ele era divinamente diferente e maravilhavam-se com as Suas palavras graciosas, ficavam surpresas ao contemplar o Seu amoroso serviço; mas o espanto apoderou-se delas ao testemunharem o Seu Sagrado sacrificio. Sempre me sinto impressionado quando olho para a maravilhosa cruz em que o Príncipe da Glória morreu e o mesmo sucedeu com aquelas pessoas que se reuniram junto da cruz e O viram morrer. Nunca mais puderam esquecer aquela cena. A pregação da cruz tornou-se o tema da sua mensagem às multidões, porque ali o mundo podia ver até onde Deus esteve disposto a ir a fim de que homens e mulheres pudessem salvar-se.

Nossa tarefa, prezados amigos, é exaltá-lo bem alto no meio da multidão, pois Ele disse: «E Eu, quando for levantado..., todos atrairei a mim» (João 12:32). Junto da cruz experimentamos o poder de atracção de Cristo e Sua justiça.

Terça-feira, 7 de Novembro de 1967

392-447-400

Cristo, Meu Poder para uma Vida Santa

por Mario Fridlin

O piloto automático num avião moderno é um notável invento. Uma ocasião, enquanto visitava as diferentes ilhas da nossa União do Oceano Indico, voei desde a Ilha da Reunião até Tananarive, capital de Madagascar. Como eu conhecia pessoalmente o piloto, ele convidou-me a ir para a carlinga para conversarmos um pouco. Ele ia sozinho aquele dia. O lugar do piloto estava vazio, e este ia atrás e tomava o pequeno almoço, enquanto conversávamos. O avião parecia voar sem qualquer atenção huma-

na. Que tinha sucedido? O piloto depois de ter atingido a devida altitude e de ter tomado a devida direcção, ligou o piloto automático. Com plena segurança o avião voava normalmente e o piloto podia descontraír-se.

Muitos cristãos pensam que a sua vida espiritual pode comparar-se ao piloto automático. Sentem que depois de ter atingido «altitude» pelo reconhecimento e aceitação de Cristo e de ter tomado rumo em direcção à Nova Jerusalém, já podem deixar tudo com

o piloto automático e chegar seguros à cidade celestial, descontraindo-se no que respeita à sua vida espiritual. Mas essa teoria não resulta quando se trata da vida cristã. Na vida do filho de Deus não há nada automático. Estamos activamente empenhados numa luta que tem de ser travada dia a dia.

Nossa dedicação ao Senhor tem de ser repetida dia após dia. O apóstolo Paulo declara-o da seguinte maneira: «Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente, antes... cresçamos em tudo, n'Aquele que é a cabeça, Cristo». «Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo» (Efes. 4:14, 15, 13). Leva tempo a realizar uma tal experiência.

Estamos verdadeiramente empenhados numa guerra quando lutamos contra os poderes das trevas. Nada é automático na nossa vida espiritual. Os seres humanos são inclinados a tomar as coisas levianamente. Mas pode o cristão tomá-las levianamente quando o pecado se torna poderoso, quando a consciência é ferida? O cristão formalista pode pensar assim. Não se importa com os mandamentos de Deus nem com os princípios da Palavra de Deus. Os homens modernos não se sentem capazes de guardar os mandamentos de Deus, e por isso caem numa vida insantificada.

Buscando a santidade

O cristão real, porém, toma as coisas a sério. Jesus não suportou a cruz para que fiquemos como estamos. Pelo Seu Espírito Santo deseja fazer de nós novas criaturas. É essa a razão por que devemos considerar este problema com a máxima seriedade. Lemos em Hebreus 12:14: Seguí a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor». Martinho Lutero na sua tradução alemã diz: «Proseguí a santidade». Conhecemos o sentido que a palavra «prossecação» reveste na vida moderna. Não é necessário dar a sua definição. O aumento da velocidade na terra, no mar e nos ares é uma das características do nosso tempo. Todo o mundo está com pressa e prossegue em busca do dinheiro, da honra, da influência ou do poder. Numerosos são os que caem pelo caminho, vítimas desta prossecação. Todavia há uma «prossecação»

que Deus reconhece e nos ordena. Quão proveitoso seria se utilizássemos as nossas energias para prosseguir em busca da santidade de preferência às coisas percíveis. «Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação». (1 Tess. 4:3). A santidade não tem nada de comum com a piedade exagerada produzida por nossos próprios esforços. Ser santo significa pertencer inteiramente a Deus. Cristo providenciou plenamente a maneira pela qual podemos atingir a santidade: «Por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade» (João 17:19). «Por que, assim o que santifica como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos». (Heb. 2:11).

Nosso Perfeito Modelo

Ellen G. White escreveu: «Cristo declarou que Se santificou a Si mesmo a fim de que nós mesmos também sejamos santificados. Tomou sobre Si a nossa natureza e tornou-Se para os homens um modelo perfeito. Não cometeu nenhum pecado a fim de que pudéssemos ser vitoriosos e entrar no Seu reino como vencedores. Pediu a Deus para nos santificar na verdade. Que é a verdade? Jesus declarou: 'A Tua palavra é a verdade'. Era necessário que os discípulos fossem santificados pela obediência à verdade. Disse ele: «Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão-de crer em mim». Esta oração era para nós. Temos crido no testemunho dos discípulos de Cristo. Jesus pede que os Seus discípulos sejam um como Ele e o Pai são um e esta unidade dos crentes deve provar ao mundo que Ele nos enviou e que nós testemunhamos em favor da Sua graça.

«É necessário que estejamos em união mais íntima e mais santa com o Redentor do mundo. É necessário que sejamos um com Cristo como Ele é um com o Pai. Que transformação maravilhosa se produziria no seio do povo de Deus se este se mantivesse em comunhão mais íntima com Cristo! Urge que nossos gostos, nossas inclinações, nossas ambições e paixões sejam inteiramente dominadas e se ponham em harmonia com o pensamento e o espírito do Senhor. É esta precisamente a obra que o Salvador deseja fazer por aqueles que n'Ele crêem. A nossa vida e a nossa conduta devem ter uma influência decisiva sobre o mundo. É necessário que o Espírito de Cris-

to domine as vidas dos Seus discípulos de tal sorte que eles falem e procedam como Jesus. Cristo declara: Dei-lhes a glória que Tu Me deste...

«A graça de Cristo deve operar uma transformação maravilhosa na vida e no carácter daquele que a recebe; e se formos realmente discípulos do Mestre, o mundo constatará que o poder divino realizou algo em nós; pois embora estejamos ainda no mundo não somos do mundo». (*My Life Today*, pág. 252).

Três meios de santificação

Cristo, o Filho de Deus, santifica-nos se O aceitarmos plenamente, se buscarmos a Sua comunhão, se cremos n'Ele, se agirmos segundo a Sua Santa Palavra e se formos batizados com o Seu espírito. Só a acção de Cristo, da Sua Palavra e do Espírito Santo nos pode dar força para vivermos na santidade. «Seguí... a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14).

Meus prezados irmãos e irmãs, é esta a nossa experiência quotidiana? Nós, que professamos ser fiéis adventistas do sétimo dia, vivemos nesse nível, ou temos antes de reconhecer as nossas insuficiências? Examine-mo-nos com sinceridade.

É sempre proveitoso estudar a história da vida de Paulo, a sua conversão e a sua vida ulterior. Ele dá-nos uma idéia do que representa uma vida transformada e santa. O pensamento de Paulo desviou-se do próprio eu para a pessoa do Salvador. Eis como Ele explica a sua conversão em Gál. 2: 20: «Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, O qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim». A vida transformada é caracterizada por um abandono completo de nós mesmos para sermos absorvidos em alguém maior do que nós, em Cristo Nosso Senhor. Paulo fala em estar «escondido em Cristo» (Col. 3:3).

O objectivo que Paulo perseguia foi modificado pela sua conversão: Ele passou da perseguição da igreja à proclamação de Cristo ressuscitado. Quando somos transformados pelo evangelho eterno, os nossos planos são também transformados.

Jesus morreu na cruz por um grande número de pessoas que perseguem hoje a igreja sem disso ter consciência. Fazem-no, não como Paulo, mas usando métodos ainda mais nocivos: Por meio de criticas desleais

e injustas em relação aos dirigentes, aos obreiros e aos membros. Os progressos da igreja ficam assim comprometidos. A indiferença, a tibieza e a falta de oração e de generosidade retardam o seu crescimento. A introdução de instituições e de programas mundanos na igreja prejudica o seu êxito.

Se estamos realmente transformados e se vivemos em conformidade com os princípios da Bíblia, tais coisas serão extirpadas de nossas vidas. A igreja e a proclamação da triplíce mensagem ocupár-nos-ão totalmente.

Prezados irmãos e irmãs, crucificamos o próprio eu dia após dia a fim de que Cristo possa viver totalmente em nossos corações? Ou temos antes sido infiéis para conosco mesmos, para com os irmãos e para com a igreja? Não sucede com frequência que nos pregamos a nós mesmos em vez de pregarmos a Jesus Cristo, que nos glorificamos em vez de O glorificarmos, atraindo sobre nós a atenção dos homens em vez de a fazermos incidir sobre o Filho de Deus e sobre a Sua cruz?

O estudo da Bíblia é indispensável

Em nossa vida quotidiana tem Cristo sido sempre o Alfa e o Ómega, o primeiro e o último — o Cristo que sofreu quando viveu na terra e cuja segunda vinda está próxima? Possuímos a graça, a mansidão, a humildade, a compaixão e o amor do eterno Filho de Deus? Imitamo-l'O, dia a dia, anunciando a Sua última mensagem aos outros e esforçando-nos por salvar sem desfalecimento os que estão perdidos? Os Seus dias de jejum, as Suas noites de vigília e de oração devem servir-nos de exemplos. Tenhamos constantemente a plenitude do Espírito de Cristo e sigamos fielmente os Seus passos até à Sua vinda gloriosa.

A Palavra de Deus, a Santa Bíblia, ocupa aos nossos olhos o lugar que lhe compete? Honramo-la nós estudando-a regularmente e com cuidado? Com demasiada frequência atribuímos mais importância ao que os homens pensaram, disseram ou escreveram do que à própria Bíblia. Não deveríamos de maneira alguma continuar a beber nas cisternas rotas da humanidade mas atender resolutamente ao que Deus disse. Urge que nos dediquemos cada vez mais ao estudo da Palavra de Deus. Num espírito de oração e de recolhimento, alimentemos com ela as nossas almas e não permitamos

que a atmosfera febril da nossa época nos envolva.

«Nunca houve tempo em que fosse tão importante que os seguidores de Cristo estudassem a Bíblia como agora. Influências enganadoras se acham de todos os lados, e é essencial que vos aconselheis com Jesus, vosso melhor amigo. ... Declara David: «Escondi a Tua Palavra no meu coração, para eu não pecar contra Ti». Quantos são atraídos ao pecado porque não têm, mediante o estudo da Palavra de Deus, feito com oração, compreendido a malignidade do pecado, e verificado como lhe podem firmemente resistir! Quando lhes sobrevém a tentação, parecem achar-se desapercibidos e ignorantes das maquinações do inimigo. Vivemos em tempos perigosos e, à medida que nos aproximamos do fim da história terrestre, não haverá segurança para os que não se tornaram familiarizados com a Palavra de Deus. ... Tudo quanto puder ser abalado abalar-se-á. ... Os filhos de Deus chegaram ao ponto mais crítico de sua peregrinação; pois as redes e armadilhas do inimigo, se acham por toda a parte. E todavia, com a direcção do Senhor, com o que está plenamente revelado em Sua Palavra, podemos caminhar com segurança e não tropeçar. ... Uma voz do céu se nos dirige de suas páginas. — YI, 18 de Maio de 1893. (*Filhos e Filhas de Deus*, pág. 190).

A Importância do Espírito Santo

O terceiro e mais importante agente divino é o Espírito Santo, que nos comunica o poder de uma vida santificada em Cristo. Por altura de uma das suas viagens missionárias, o apóstolo Paulo encontrou alguns discípulos ao chegar a Éfeso. A primeira pergunta que lhes fez, foi a seguinte: «Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes?» (Actos 19:2). Aos olhos desse valoroso servo de Deus esta pergunta era importante. E aos nossos prezados irmãos e irmãs? Temos dado ao Espírito Santo o lugar que ele merece em nossas vidas? Compreendemos a necessidade do Seu ensino, da Sua unção? «E vós tendes a unção do

Santo, e sabeis tudo» (I João 2:20). Quantas vezes não O temos entristecido pela inconsequência da nossa vida, pela nossa mentalidade mundana e pelo esquecimento da oração! Busquemos o perdão do Senhor e demos mais importância a este aspecto vital da nossa vida cristã.

Foi feita uma pergunta acerca do Espírito Santo a um cristão idoso, pouco instruído no que respeita à ciência universitária, mas cheio de sabedoria no domínio espiritual: «Como se pode dizer que o Espírito está em nós e ao mesmo tempo vivemos n'Ele?» Buscando a resposta exacta enquanto estava sentado junto da chaminé, o ancião pôs a tenaz no fogo e deixou-a ali. Passados alguns minutos de silêncio, a tenaz ficou rubra. Tirou-a e perguntou: «Como devemos dizer? Era a tenaz que estava no fogo ou o fogo que estava na tenaz?» Ambos, sem dúvida. Quando estamos no Espírito, temos em nós o poder do Espírito. Este é-nos indispensável se buscamos a santificação.

Nós, que professamos aguardar a próxima vinda de Cristo, não nos conformemos com o mundo, mas busquemos fervorosamente a aprovação de Deus.

«Que pessoas vos covém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vida do dia de Deus?» (2 Pedro 3:11 e 12).

O caminho para o céu é por vezes acidentado. Encontram-se nele cardos e espinhos, mas podemos calcurriá-lo corajosamente sabendo que nosso amado Salvador o seguiu antes de nós. Regozijemo-nos por nele encontrar as Suas pegadas e por finalmente podermos partilhar da Sua glória.

Lutemos cada dia por ser homens e mulheres cristãos no mais completo sentido da palavra. Que toda a nossa vida proclame que Cristo vive em nós e que aguardamos a bem aventurada esperança e o aparecimento glorioso de Jesus.

«Uma verdadeira santificação... não exige menos do que uma morte quotidiana para nós mesmos e uma conformidade diária com a vontade de Deus». (*Life Sketches*, pág. 237).

Cristo, Meu Exemplo no Serviço

por V. W. Schoen

Nosso Senhor Jesus Cristo deixou as cortes celestes, toda a glória real e a adoração do universo, e veio viver com a raça humana perdida. Esta experiência tornou-se a maior história de todos os séculos. Ele «fez-Se carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (João 1:14). «N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens». (João 1:4).

Os que compreendem este mistério, as acusações de Satanás, e a incapacidade do homem para se ajudar a si mesmo contra o mal, sentem-se felizes por Jesus ter vindo a este mundo. Com Ele veio uma melhor compreensão da vida e uma gloriosa esperança para o futuro. O ministério terrestre de Cristo deu à existência humana um novo significado e à própria vida um novo propósito. Restaurou o modelo perdido para a nossa vida diária com Deus e com os homens.

«Segui-Me»

«Segui-Me» (Mat. 4:19; Marc. 2:14; Luc. 5:27; João 1:43). Estas palavras eram diariamente ouvidas nas colinas da Judeia e nas praias da Galileia, nas movimentadas ruas de Jerusalém, nos átrios do templo, e na tranquila e amigável atmosfera dos lugares de gente amável. «Segui-Me» é tudo o que era dito em muitas alturas e isso tinha um significado que abrangia tudo. Alguns compreenderam-no. Puderam ouvir as Suas palavras e observar os Seus actos. Viram a verdade personificada em Jesus Cristo, e fizeram-se grandes decisões. Seguiram-no e suas vidas foram transformadas. Disse Jesus: «Quem Me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida» (João 8:12).

Nem sempre era fácil segui-LO. Por vezes isso significava a perda de amigos e de trabalho, por vezes implicava perseguição e sofrimento. Mas apesar disso muitos O seguiram. Qualquer que tenha sido a experiência anterior, era evidente que para aqueles

que seguiam o mestre tinha começado a verdadeira vida.

Após a ascensão de Cristo Pedro lembrou aos crentes: «Para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas». (1 Pedro 2:21).

«Não devemos copiar nenhum ser humano. Não há nenhum ser humano que seja suficientemente sábio para nos servir de critério. Devemos olhar para o homem Jesus Cristo, que é completo na perfeição da justiça e santidade. Ele é o autor e consumidor da nossa fé. Ele é o homem modelo. Sua experiência é a medida da experiência que devemos ganhar. O Seu carácter é o nosso modelo» (*Comentário Bíblico dos A.S.D.*, Comentários de Ellen G. White, sobre Apocalipse 7:14-17, pág. 970). Esta comunhão significa muito para a nossa vida presente, e levar-nos-á finalmente, se paciente e fielmente seguirmos nas pisadas do Mester, até às portas da cidade prometida.

O Grande Princípio da Vida

A vida e associação diária de Cristo com o homem foi efectuada e sempre guiada por um grande princípio. Ouvi as Suas próprias palavras ao explicar a Sua filosofia da vida no evangelho de Mateus: «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mat. 20:28). E o apóstolo Paulo, olhando profundamente para o abnegado ministério de Cristo, acrescentou que Ele tomou sobre Si «a forma de servo» (Fil. 2:7).

Pensai na última ceia que o Senhor teve com os Seus discípulos. Ele tinha feito tudo quanto Lhe era possível para por palavras e actos, lhes explicar e ensinar o caminho de Deus. Agora encontrava-Se no termo do Seu ministério terrestre, e resumindo os Seus ensinamentos e o real sentido da vida, tomou uma bacia e uma toalha e ajoelhou-Se para lavar os pés dos Seus discípulos.

«Entendeis o que vos tenho feito?» perguntou-lhes Ele. «Vós me chamais Mestre

e Senhor, e dizeis bem, porque Eu o sou. Ora se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque Eu vos dei o exemplo, para que, como Eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem aventurados sois se as fizerdes». (João 13:13-17). Porque deu Jesus aos Seus discípulos semelhante mensagem? Para os ensinar a ser humildes? Sem dúvida! Mas tinha em mente muito mais do que isso. Ele convidava-os para o serviço, um serviço de amor (Gál. 5:13). Os cristãos têm sempre compreendido este grande princípio, têm conhecido e aceitado o facto de que só podemos seguir a Cristo se escolhermos o caminho do serviço. O grande apóstolo Paulo, que acreditava neste princípio e deu a sua vida em serviço na causa de Deus, escreve-nos para que, nós também libertados do pecado, nos tornemos servos de Deus (Rom. 6:22).

Testemunhando Pessoalmente

Que queremos significar quando dizemos que servimos a Deus? Que espécie de serviço espera de nós o Senhor? Pode haver muitas respostas teológicas complicadas a estas perguntas, mas deixemos que a nossa seja simples e prática. Sendo úteis a Ele no cumprimento do plano da redenção prestaremos a Deus o maior serviço. Devemos reconhecer o facto de que Ele necessita de nós. Cristo veio a este mundo buscar os perdidos, e este deve ser o propósito supremo da vida de todo o que professa ser seguidor. «Todos nós devemos ser coobreiros de Deus. Nenhum preguiçoso é reconhecido por servo Seu». — *Serviço Cristão*, pág. 10. Sem dúvida, «Deus podia ter realizado o Seu designio de salvar pecadores sem o nosso auxílio; mas a fim de desenvolvermos carácter semelhante ao de Cristo, é-nos preciso partilhar da Sua obra». (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 100). Por estes motivos «todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário. Aquele que bebe da água viva, faz-se fonte da vida. O depositário torna-se doador». — *Ibid.*, pág. 138.

«Os primeiros cristãos tomavam muito a sério este imperativo evangelístico. Punham nele tudo quanto tinham — tempo, haveres, e a própria vida. Não contavam como preciosas as suas vidas. Ao lermos o nosso Novo Testamento, notamos que nada sucedia

fácilmente na igreja primitiva. Tudo era difícil. Alguém a descreveu desta maneira: 'Cada pégada no livro de Actos está manchada com sangue'. Os cristãos nos primeiros três séculos multiplicaram-se rapidamente. O seu tema naqueles primeiros dias parece ter sido: 'Nós dizemos, eles crêem e Cristo opera'. Pareciam dizer pelas suas vidas e pela sua mensagem: 'Nós dizemos — essa é a nossa tarefa; eles crêem — essa é a sua responsabilidade; Cristo opera — essa é a Sua parte na conversão do indivíduo.'» — J. M. Bader, *Evangelism in Changing*, pág. 17.

Para tornar isso possível, era necessário o testemunho pessoal. Em cada página do Novo Testamento vemos a igreja testemunhando. O testemunho de cada dia tornou-se um modo de vida para os cristãos. Sua religião era para a vida, e era digna de ser vivida. A relação para com Deus não era baseada apenas num conceito de verdade mas repousava firmemente no facto de uma experiência pessoal com Cristo. E falar acerca desta experiência era a alegria de cada crente.

Semelhante vida de constante testemunho e dedicação pessoal tornava-se dinâmica e poderosa. Sim, eles possuíam o evangelho, e partilhavam-no liberalmente com o mundo. Ao partilhar, eles recebiam. «Quanto mais comunicarmos luz, tanto mais brilhante ela se tornará». — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 139. «É à medida que nos entregamos a Deus para o serviço da humanidade, que Ele Se nos dá». — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 73.

«Todo o Céu olha com intenso interesse para a igreja, para ver o que seus membros estão individualmente fazendo para iluminar os que estão em trevas» — *Serviço Cristão*, pág. 89. Somos nós suficientes, como cristãos individuais e como igreja, para estes tempos?

«Se seguirmos as pegadas de Cristo, havemos de nos aproximar daqueles que necessitam de nossos serviços. Havemos de explicar-lhes a Bíblia, apresentar-lhes as exigências de Deus, ler as promessas aos hesitantes, despertar os descuidados, fortalecer os fracos». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 336.

A palavra de Deus, é o símbolo visível do nosso movimento. Em muitos países e muitas vezes temos sido e somos chamados o povo do Livro. O nosso testemunho hoje é baseado em dois factos incontrovertidos — na nossa própria experiência pessoal com

a graça salvadora de Deus, e nas Santas Escrituras, a Bíblia. Com efeito, o Adventismo é uma religião da Bíblia, e os que são verdadeiramente adventistas devem ser homens e mulheres deste Livro de Deus. A compreensão do nosso serviço para com Deus ou, como dissemos atrás, do nosso testemunho pessoal, está intimamente relacionada com a Bíblia.

A serva do Senhor disse à igreja remanescente que o nosso dever é «levar a Palavra de Deus à porta de cada pessoa». (*Evangelismo*, pág. 434). Não devemos falar por nós mesmos; somos os porta-vozes de Deus. A Sua Palavra é a nossa mensagem. Temos a responsabilidade de patentear ao nosso próximo os mistérios do reino de Deus. Este é o serviço que Deus espera de nós. Quando assim sucede, as vidas serão transformadas, e exercer-se-á sobre o mundo uma influência jamais experimentada.

Resposta do Amor

É maravilhoso ver como o povo de Deus reconhece e corresponde a esta responsabilidade e como vive segundo a expectativa de Deus. O número daqueles que se empenham em testemunho pessoal aumenta em todo o mundo. Os nossos dedicados membros leigos vão até aos lares dos seus vizinhos, visitam os hospitais e prisões, e acodem às necessidades de corações e lares quebrantados com as promessas de Deus.

Há anos Ellen G. White escreveu: «Muitos pensam que seria grande privilégio visitar os cenários da vida de Cristo na Terra, andar pelos lugares por Ele trilhados, contemplar o lago à margem do qual gostava de ensinar, as montanhas e vales em que Seus olhos tantas vezes pousaram. Mas não necessitamos de ir a Nazaré, a Capernaum ou a Betânia para andar nos passos de Jesus. Encontraremos Suas pegadas ao pé do leito dos doentes, nas choças da pobreza, nos apinhados becos das grandes cidades, e em qualquer lugar onde há corações humanos necessitados de consolação. Fazendo como Jesus fazia quando na Terra, andaremos em Seus passos». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 479.

Este é verdadeiro cristianismo e oferece vida abundante. O seu grande segredo é o serviço, o viver para os outros.

Uma multidão de testemunhas

A irmã Kelly, quando pela última vez a encontrei, tinha 84 anos de idade. Depois de eu ter feito um apelo à igreja para um testemunho mais ousado em favor de Jesus Cristo, ela aproximou-se de mim com a pergunta: «Pastor, crê que o posso fazer?»

«Sem dúvida; a irmã está incluída e faz parte do programa. O seu testemunho é necessário e pode ser poderoso em favor de Deus».

Ela aceitou o repto e no ano seguinte seis preciosas almas foram levadas a Jesus como resultado do seu testemunho pessoal.

Um rapaz de 8 anos estava a fazer a Campanha. Ele realmente testemunhava a favor de Deus, porque isto é o que na realidade é a Campanha. Havia muito barulho numa das casas de que ele se aproximou. Era aterrador e ele estava prestes a afastar-se, mas não podia. Bateu à porta. Esta abriu-se e uma pálida e velha senhora olhou para o aterrorizado rapaz. «Está aflita, senhora? Posso ajudá-la nalguma coisa?»

A angustiada senhora ficou surpreendida. «Não, não penso que me possas ajudar. O meu filho deve ter perdido o juízo e tivemos de o fechar num dos quartos das trazeiras. Agora ele está furioso e destruiu todo o mobiliário. Foi isto que causou o barulho que ouviste».

«A senhora pediu a Deus que ajudasse a si e ao seu filho?». Que pergunta para uma alma perturbada feita por um rapaz de 8 anos. Que simples e sincero testemunho em favor de um Senhor sempre presente. Que serviço para o Mestre e que maravilhoso auxílio para um coração perturbado. Não estávamos presentes quando isto sucedeu, mas todo o céu contemplou a bela cena quando a mãe e o pequeno rapaz se ajoelharam juntos em oração.

Sim, amigos, a maior parte do nosso testemunho culmina num milagre. Assim sucedeu naquele lar. A paz repousou ali. A porta do quarto das trazeiras abriu-se e dela saiu uma nova criatura. Encontrei a mãe e o filho no Sábado seguinte na igreja, onde nos falaram da graça e amor de Deus, e O louvaram pelo testemunho cristão.

É de facto maravilhoso partilhar com Deus no plano da salvação, dando não só dos nossos recursos mas também a nós mesmos; falando por Deus com a nossa língua, e testemunhando, não por meio de outros, mas pela nossa própria voz. Há ainda al-

guns que não experimentaram esta emoção.

Outro membro leigo estava sendo cuidadosamente vigiado pelos seus vizinhos. Havia alguns entre estes que não apreciavam o seu testemunho diário em favor de Deus. Um homem em particular desejava prejudicá-lo.

Uma noite, enquanto o nosso Irmão estava num Círculo de Amizade estudando a Palavra de Deus, esse homem tirou as cavilhas das rodas do seu carro. Esperava assim que o nosso Irmão morresse ao voltar para casa pela acidentada e perigosa estrada montanhosa.

O nosso irmão leigo terminou o seu estudo bíblico e partiu para casa. Atrás dele, sem ser notado, seguiu aquele homem mau esperando que na curva seguinte saíssem as rodas e o nosso irmão, o seu cavalo e carro se precipitassem no abismo. Mas a curva foi feita com perfeição. «Na curva seguinte despedaçar-se-á!» disse o homem para consigo mesmo. Mas para seu espanto nada sucedeu. Apesar das pedras e buracos, as rodas sem cavilhas giravam como usualmente e levaram a casa o nosso irmão. Levou o cavalo a pastar e voltou até ao carro para levar a Bíblia e o hinário. Viu então algo de inacreditável. As duas rodas caíram e o carro abateu até ao chão. Enquanto olhava para este espectáculo, um homem saiu das trevas, aproximou-se dele e disse: «Estou convencido de que o senhor está servindo a um Deus vivo». E então contou todo o seu ímpio plano.

Naquela noite, até altas horas, aqueles dois homens estudaram a Palavra de Deus. Então oraram, e uma alma convertida saiu daquele lar adventista. O nosso irmão viveu de acordo com a sua obrigação cristã

— testemunhara em favor do Senhor; servira o Mestre aquela noite. O número dessas destemidas testemunhas leigas está aumentando rapidamente. Quando toda a igreja pertencer a essa multidão, o «alto clamor há tanto esperado será dado e Deus terminará a Sua obra num esplendor de glória.

Eles seguirão o Cordeiro

Nas últimas páginas da Bíblia encontramos um maravilhoso quadro profético. A obra está feita. O plano da salvação está terminado. O testemunho passou à história. A esperança da igreja activa e vigilante cumpriu-se. Cristo invisível tornou-Se o visível Rei dos reis. Os colaboradores de Deus, os santos de todos os séculos, verão o Mestre face a face. Os que O seguiram na terra seguiram-LO-ão ali. Em Apocalipse 14:4 lemos: «Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai». Que gloriosa revelação do futuro. Servimo-Lo aqui porque esperamos servi-LO ali.

Jamais esquecerei o hino que um pequeno grupo de dedicados crentes cantou na altura do meu baptismo. Lembro-me vividamente de após a segunda estrofe me ter unido a eles cantando: «A Jesus seguir eu quero». Talvez que o mesmo hino tenha também sido cantado na altura do vosso baptismo. Tendes vós seguido a Cristo todo o caminho? Tem a vossa vida cristã sido um testemunho vivo em favor do Senhor? Tendes realmente seguido o Seu exemplo e O tendes servido? Renovemos hoje a nossa consagração e cantemos enquanto nos dedicamos ao serviço: «A Jesus seguir eu quero».

Quinta-feira, 9 de Novembro de 1967

Cristo, Meu Advogado

por Stanley Harris

Miguel Ângelo, um dia, interessou-se por um bloco de mármore abandonado; viu nele um anjo em pedra e decidiu libertá-lo. Deus baixou os olhos e viu um mundo de corações famintos, mergulhados no pecado, e

resolveu dar-lhes um Salvador para os libertar das suas cadeias. Enviou o único ser qualificado para servir de Mediador entre Deus e os homens, entre homens e homens e entre as nações. Enviou o omnipotente

Homem do dia, o grande Reconciliador, o Centro da unidade. Enviou o Seu Filho único, Jesus Cristo.

Cristo incomparável oferece a imagem do perfeito advogado. Ao dizer: «Não vejo n'Ele crime algum», Pôncio Pilatos expressiu os sentimentos universais dos Seus amigos e dos Seus inimigos. Se procurarmos o maior exemplo de mansidão, não olharemos para Moisés mas para Jesus, que foi manso e humilde de coração. Não procuraremos o maior exemplo de paciência em Job, mas em Jesus que, quando injuriado, não injuriou. Não encontraremos o maior exemplo de sabedoria em Salomão, mas em Jesus, que falou como nunca homem algum falou.

Não é o lacrimoso profeta Jeremias que nos dá o maior exemplo de profunda compaixão, mas Jesus, que chorou sozinho sobre o funesto destino da infeliz Jerusalém. É em Jesus, de quem está escrito, «o zelo da Tua casa Me devorará», e não em Paulo, que encontraremos o maior exemplo de zelo. Para encontrar o maior exemplo de amor, não olharemos para João mas para Jesus, que Se entregou a Si mesmo por nós, embora pecadores. Ele é o perfeito Advogado.

Conta-se a história de um soldado que desejava falar com o presidente Abraão Lincoln. Tad Lincoln, filho do presidente, foi atraído pelo uniforme do soldado e tomou-se de amizade por ele. O secretário do presidente veio anunciar que o presidente não receberia mais ninguém naquele dia. O soldado participou a Tad a sua decepção e este declarou: «Se desejas ver o presidente, posso fazer-te entrar». E é o que ele logo fez.

Um livre acesso ao trono da graça

Não temos necessidade de riquezas nem de prestígio para nos aproximarmos do trono real de Deus. Temos um advogado que deseja introduzir-nos na presença do Pai para sermos socorridos em nossas necessidades. Ele não só quer obter-nos o perdão dos pecados mas também o apoio total e a força divina a fim de podermos viver cada dia uma vida vitoriosa e íntegra. Não temos necessidade de clamar nem de bater violentamente à porta para obter de Deus uma audiência. O nosso Advogado está pronto a interceder por nós a todo o momento. Se existe uma condição preliminar para

recebermos o auxílio necessário, pode resumir-se na palavra «fervor».

Conta-se a história dum navio que naufragou e se estava a afundar. Não havia suficientes baleeiras. Do barco naufragado um homem ganhou uma das baleeiras a nado mas já não havia lugar e recusaram recebê-lo. Como ele se agarrava ao barco com a mão direita, pegaram numa espada e cortaram-lhe os dedos. O homem desejava tão ardentemente salvar-se que se agarrou ao barco com a mão esquerda. Cortaram-lhe igualmente os dedos dessa mão. O homem aproximou-se de novo nadando e agarrou-se ao barco com os dentes. Os náufra-gos tiveram então compaixão dele e deixaram-se enternecer. Não podiam cortar-lhe a cabeça! Então receberam-no a bordo. Porquê? Porque aquele homem tinha o intenso desejo de salvar a vida. David cometeu graves pecados mas buscou a Deus com tão grande fervor e arrependimento que Deus lhe concedeu o Seu perdão.

Nossa Certeza

Temos a certeza de que «se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo» (1 João 2:1). «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça». (Cap. 1:9). «As condições para se alcançar misericórdia de Deus são simples e razoáveis. O Senhor não requer que façamos alguma coisa penosa para alcançarmos perdão. Não precisamos fazer longas e exaustivas peregrinações ou praticar dolorosas penitências para encomendar nossas almas ao Deus do Céu ou expiar nossa transgressão. Aquele que «confessa e deixa» os seus pecados «alcançará misericórdia». — *Actos dos Apóstolos*, pág. 552. É-nos dada outra maravilhosa certeza.

«Em se chegando ao trono da graça, o filho de Deus se constitui cliente do grande Advogado. A primeira manifestação de arrependimento e do desejo de perdão, Cristo esposa a causa deste e fá-la Sua, intercedendo por ele perante o Pai como se o fizera por Si próprio. Enquanto Cristo intercede por nós, o Pai nos franqueia os tesouros de Sua graça para que os possuamos, regozijando-nos. ... 'Pedireis em Meu nome', disse Jesus. ... 'Fazei uso do Meu nome. Isto tornará eficaz vossa oração, e o Pai vos distribuirá as riquezas da Sua misericórdia; por isso 'pedi e recebereis, para que o vosso

gozo se cumpra'. João 16:24». (*Testimonies*, vol. 6, pág. 364).

Deus deseja que os Seus filhos abandonem este velho mundo de pecado e voltem para Ele. «Como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação?»

Ao lado dela

A esposa de um homem de negócios da cidade de S. Luis (Estados Unidos), perdeu de repente a razão. O seu marido era-lhe tão profundamente dedicado que abandonou o seu trabalho e lhe consagrou todo o seu tempo. Como os vizinhos se queixassem dos gritos que ela dava, ele mandou construir nos arredores da cidade uma casa onde ela pôde encontrar todo o conforto. Mas ela não mostrava nenhuns sinais de melhoras. Foi então que um velho doutor lhe sugeriu que levasse a esposa para as montanhas de Tennessee onde ela tinha sido criada. Era de esperar que as paisagens do velho Sul lhe restituíssem a razão. Apesar do canto dos passarinhos e do sorriso das flores o seu desequilíbrio mental persistiu. Profundamente desanimado, o marido levou-a de novo para a casa que mandara construir no Oeste. Foi delicadamente posta na cama e, coisa estranha, ela adormeceu imediatamente. Dormiu uma hora, depois outra e finalmente durante toda a noite. Quando abriu os olhos, o seu marido compreendeu imediatamente que ela estava curada.

«Onde estive?» perguntou ela. E ele respondeu-lhe com o coração cheio de reconhecimento: «Acabas de fazer uma longa viagem e de entrar em casa».

«Onde estiveste tu, durante todo esse tempo?» perguntou ela. E ele respondeu-lhe com um soluço na voz: «Estava ao teu lado, à espera que voltasses».

Este incidente ilustra bem pàlidamente o paciente amor de Deus. Temos andado errantes longe d'Ele, partimos para um país distante sem o uso da nossa razão, mas Ele aguardou-nos e está ainda aguardando por alguns de nós. Jesus deseja ardentemente que voltemos para o lar. Ele está no lugar santíssimo, na sala do trono dos céus, e aguarda que ali vamos. Quer ser a vítima expiatória pelos nossos pecados. Quer purificar-nos dos nossos pecados e revestir-nos com as vestes da justiça.

Os homens falam da sua incapacidade para crer em milagres. Mas Jesus é o milagre

por excelência de todos os tempos. Ao longo dos séculos, os Seus amigos e inimigos focaram sobre Ele os holofotes da crítica e não puderam n'Ele encontrar um simples vestígio de pecado, nem uma palavra imprudente, nem um acto egoísta. Ele é o homem universal. Nasceu no século primeiro da nossa era, mas apesar disso pertence a todos os séculos. Nasceu judeu e pertence a todas as nacionalidades. Nasceu em Belém e pertence as todos os países. Que todo o homem, quer seja saxão, mongol, eslavo ou latino, venha arrependido a este Salvador e ponha n'Ele a sua confiança, e continuará o seu caminho com a radiante certeza de que Cristo lhe perdoou os seus pecados e o ajuda a levar os fardos da vida. Esse homem receberá o magnífico manto da justiça de Cristo.

Jesus conduz-nos a Deus

Diz-se de Mozart que ele fez baixar os anjos à terra e de Beethoven que ele elevou ós mortais até ao céu. Jesus fez tudo isso, e ainda mais. Ele é o caminho que liga Deus ao homem. Ele é o caminho que liga o homem a Deus. Ele é, entre a terra e o céu, a verdadeira escada de Jacob. Ele viveu como ninguém jamais viveu. Morreu como ninguém jamais morreu. Do Monte das Oliveiras subiu para Seu Pai como o Senhor da história, o Salvador vitorioso dum mundo perdido. Está pronto agora a obter o nosso perdão e a nossa paz. Jesus Cristo, o grande Deus e Salvador, não só possui a graça e o amor para perdoar, mas tem a vontade e o poder para nos fazer triunfar plenamente do mal e do pecado, através das vicissitudes desta vida. Tudo o que nos pede, é que nos confiemos a Ele e com Ele cooperemos.

No Rio Amazonas uma missionária estava a usar um flanelógrafo como auxiliar para expôr a um grupo de crianças a história de Jesus e do Seu poder para salvar. Enquanto ela falava, um ancião de magros ombros e cabelo grisalho uniu-se às crianças. Ficou assentado com suspensa atenção enquanto a missionária contava a história de como Jesus veio e morreu por nós, e de como Ele voltou para o Céu a fim de preparar um lugar para vivermos com Ele por toda a eternidade. A missionária disse-lhes que Jesus perdoa os nossos pecados e intercede por nós perante o trono de Seu Pai, a fim de que possamos estar com Ele onde Ele está em glória.

Depois de as crianças se terem retirado, o ancião fez à missionária a pergunta: «Permita que lhe pergunte, minha senhora, se esta maravilhosa história é verdadeira?»

«Certamente», disse a missionária. «Está na Palavra de Deus».

Com uma expressão e uma voz revelando a sua dúvida, o ancião disse: «Esta é a primeira vez na minha vida que ouço que Jesus perdoa os pecados e nos dará vida com Deus para sempre».

Então com profunda convicção concluiu: «Esta história não pode ser verdadeira. Caso contrário, alguém no-la teria contado antes. Meus pais viveram as suas vidas e morreram sem nunca ter ouvido esta mensagem. Não pode ser verdadeira; aliás teria vindo há mais tempo».

Apesar de todos os seus esforços, a missionária não pôde convencê-lo desta verdade da Palavra de Deus. Voltando-se para regressar à densidade da selva e às trevas do pecado, ele continuou a repetir as palavras: «Não pode ser verdade. Não pode ser verdade, ou então alguém devia ter ouvido há mais tempo».

Cristo obtém-nos o perdão

Muitos não conseguem crer que Cristo possa obter o nosso perdão. Muitos não crêem que Ele possa cobrir os nossos pecados passados. Há algo ainda de mais grave. Não crêem que Ele possa preservar-nos de toda a queda no futuro. Parecem estar resignados com uma vida de pecado e de derrota. Dizer que Cristo não pode impedir-nos de fazer o mal equivale a acusar Deus de ser fraco e impotente. Que Deus nos ajude a conhecer a Sua onnipotência.

O escritor Natanael Hawthorne comparou o cristianismo a uma magnífica catedral de vitrais artisticamente trabalhados. Vistos do exterior esses vitrais não dão a menor ideia da beleza das formas e do brilho das cores que o artista criou.

Num abrasador dia de verão, duas colegas ocuparam a maior parte da tarde a passear na baixa da sua cidade. De repente, encontraram-se em frente de uma grande catedral. As paredes exteriores estavam cobertas de pó e não se podia ver muito, mas observaram os vitrais que o seu professor de desenho lhes tinha recomendado verem. Uma das meninas disse desdenhosamente: «Não têm beleza nenhuma. Não passam de velhos vidros sujos». Uma senhora

idosa ouviu essa observação e disse-lhes: «Não podeis ajuizar da beleza dum vitral pelo exterior. Porque não entráis?»

As jovens entraram e estacaram, maravilhadas, com o rosto inundado por aquela sinfonia de cores que se derramava dos vitrais.

Aquela senhora tinha razão. Não podeis admirar vitrais pelo exterior.

A beleza trazida pela fé

O único meio que temos de conhecer a beleza de Cristo e o poder do Seu Evangelho é entrar pela fé na sala do trono celestial. Quando estivermos prontos a beneficiar da Sua intercessão e a aceitar a Sua graça e poder vitorioso, a harmonia e a beleza irradiarão ao nosso redor.

Cristo é o único ser que pode dar-nos uma vida bela neste mundo estulto e um futuro glorioso num novo mundo. Ele é o único advogado que pode fazer-nos ali entrar. Os homens podem dirigir-se, por tanto tempo e tão ruidosamente quanto queiram, a Confúcio, a Moamá, a Platão ou a outro para a sua salvação, mas não obterão resposta nem socorro. Se alguém pede com sinceridade o perdão e a libertação da culpa e do poder do pecado, Cristo responde e dá-lhe disso a certeza. Ele pode prosseguir o seu caminho, clamando alegremente: «Uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo».

Cristo na experiência humana é a glória final do Seu Evangelho. Ele ilumina o Espírito, torna a consciência sensível, desperta a vontade. Dissipa as nossas dúvidas, aplanas as nossas dificuldades, faz repousar sobre nós o Seu poder que nos dá o triunfo sobre o pecado, a tristeza e a morte.

«Quando a alma se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. Opera-se uma mudança que o homem não pode absolutamente operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural, introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana. A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu designio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a Sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestes, é inexpugnável aos assaltos de Satanás». (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 239).

Dedicando as nossas vidas

Quem visita a cidade de Edimburgo experimenta um sentimento de respeito quando entra no velho cemitério que rodeia a histórica igreja dos Franciscanos. Nesse local, há já alguns séculos, uma multidão de homens profundamente consagrados assinaram o Pacto Nacional, sob a direcção do velho conde de Sutherland. Abriram as veias dos braços e assinaram esse pacto com o seu próprio sangue. O povo de Cristo, resgatado pelo Seu sangue, hesitaria um instante em consagrar-se completamente a Ele, a fim de que Ele o possa conduzir hoje, amanhã e sempre?

Ouve-se por vezes dizer que Cristo, que é hoje nosso Salvador, será amanhã nosso Juiz. É contristador mas exacto pensar que Aquele que não é senão amor e que estende

os braços num gesto de convite para irmos hoje a Ele, aparecerá em breve no Seu esplendor e majestade celeste para julgar todos os que recusaram ou negligenciaram aceitar o Seu ministério de intercessão nos céus.

Eis agora o tempo verdadeiramente favorável. Na decisão que deveis tomar não há senão uma alternativa: deveis aceitar Cristo como vosso Salvador pessoal, vosso Advogado, ou rejeitá-IO; deveis ser por Ele ou contraEle. De maneira nenhuma podeis ficar neutros; não existe uma terceira possibilidade. Oh! vinde a Ele sem vos demorardes mais! Testemunhai publicamente que vos destes a Ele sem reservas para que Ele seja vosso Salvador e Advogado hoje e sempre. Que o vosso coração pronuncie um decidido «sim» e diga: «Senhor Jesus, eu venho, eu venho».

Sexta-feira, 10 de Novembro de 1967

Cristo, Meu Companheiro de Cada Dia

por Carlos D. Brooks

O homem foi criado recto, revestido da luz da justiça divina, dum coração puro e dum carácter perfeito. Não havia nele o conhecimento do pecado. Ele foi criado para viver em relação constante com Deus e com os anjos. Sucede por vezes que tristes circunstâncias destroem os laços que unem amigos. Como armas infernais, separam companheiros de jornada para que já não andem mais juntos. Dentre todos os acontecimentos, o mais terrível passou-se no Eden. O pecado abriu uma separação entre o homem e o seu Deus (Isa. 59:2). «Adão... onde estás?» (Gén. 3:9), noutras palavras, que sucedeu à comunhão que nos unia? perguntou o Salvador, cruelmente decepcionado.

Muito antes desse trágico dia, um conselho celeste fez face a essa eventualidade. E desde esse drama no Eden, todo o Céu se tem ocupado em realizar o plano que havia sido concebido. Tudo o que perdeu devido ao pecado será totalmente restaurado, incluindo a comunhão íntima do homem

resgatado com o Deus santo e os anjos de luz. Mas só a graça pode realizar isso substituindo o homem na plataforma da justiça donde ele caiu. Até então vemos a graça ter a supremacia sobre a lei. Há um desassossego no Céu — uma impaciência com a separação que o pecado causou. O Salvador, bom, misericordioso e tardio em irar-Se não pode ficar inactivo. Ele intervém, impõe-nos a Sua presença apesar da nossa recusa, dos nossos insultos ou indiferença.

Poder-se-ia crer que a atitude de Cristo no Eden no momento da tragédia era devida ao facto de que Ele se tinha comprometido a morrer se o homem pecasse e de a morte surgir agora perante Ele. Mas nada disso se passa. Foi o amor divino que motivou este compromisso; e o amor nunca se arrepende dos seus dons. Cristo ficou profundamente penalizado no Eden devido à rotura fatal que o pecado acabava de causar. Doravante, o homem já não poderia tolerar a santa presença e ficaria exposto à com-

panhia dos demónios. Cristo não quis terminar a Sua visita da tarde no jardim do Eden antes de ser trazida uma esperança a esta nossa situação. Não a permitindo a lei, Ele fez apelo à graça. A graça não depende nem da lei nem da razão, mas do amor.

Por meio do sacrifício sangrento oferecido naquele dia, deu a compreender a Seus filhos caídos que poderiam sem cessar ter acesso junto d'Ele. Embora já não possa andar com eles numa comunhão pessoal directa, estaria perto deles. Invisível, estaria a seu lado. No fogo que se elevava do altar, nas circunstâncias sombrias e difíceis, por altura do culto familiar, na hora da oração, estaria perto deles, «A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem». (Heb. 11:1). Ele aproxima-Se de nós se, pela fé, nos apoderamos da promessa da Sua presença

O homem não teria podido ser resgatado sem comunhão com Deus. Os Seus pensamentos não teriam podido tornar-se puros. Sem a presença do Salvador, o plano da salvação não teria tido o seu cumprimento, o Eden jamais teria sido restaurado. A razão de ser do cristianismo é o restabelecimento da imagem de Deus no homem a fim de que este possa de novo ver a Deus e viver um dia com Ele. «Era o intuito de Satanás causar entre o homem e Deus uma eterna separação; em Cristo, porém, chegamos a ficar em mais íntima união com Ele do que se nunca houvéssimos pecado». *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 17.

Cristo procura-nos

Cristo segue-nos, prossegue-nos, chama-nos, ainda que não O tenhamos convidado ou desejado. Assim procede sem que nada tenhamos feito. Olhai para a glória da coluna de fogo no Mar Vermelho! Quem Lhe pediu que conduzisse os filhos de Israel? Considerai a nuvem que avançava durante o dia! Quem Lhe pediu que os acompanhasse? Ouvi-O dizendo a Moisés: «Me farei um santuário, e habitarei no meio deles» (Ex. 25:8). Quem reclamou a Sua presença? Como vedes, Cristo impõe ao homem a Sua proximidade e não pode esperar para ser convidado. O coração não santificado compraz-se com os demónios. Não se sente chocado pelo mal nem deseja a presença de Deus. É por isso que Cristo, sem fazer caso

algum da nossa moral, Se nos impõe para nosso bem, a fim de nos socorrer e nos salvar! É impossível sermos salvos sem a presença de Cristo em pessoa.

Ele aparece numa sarça ardente, sobre um monte em fogo, sobre o altar flamejante. Ele vem até nós no fogo, nas nuvens, no trovão, nas provas. No momento da morte, Ele mostra, não o vale sombrio, mas para lá deste a manhã da ressurreição em que seremos transformados, em que o corpo corruptível se revestirá da incorruptibilidade, e em que Ele nos tomará pela mão para nos conduzir às fontes da água da vida. Estaremos com o Senhor, para sempre!

Todo o Céu aguardava com impaciência a hora momentosa do cumprimento dos tempos em que Ele permaneceria com o Seu povo depois de ter revestido a natureza humana. Isaías exclamou: «Um filho se nos deu». Oh! maravilha suprema! Deus manifestado em carne. Cristo ia achar-Se no meio de nós num sentido muito particular, numa condição que nunca dantes tinha sido realizada. Os musicos celestes compuseram sinfonias para esta ocasião e o coro dos anjos cantou: «Gória a Deus nas alturas, e paz na terra, boa vontade para com os homens!» (Luc. 2:14.) Paz na terra porque Deus permanece no meio de nós. Ele é Emanuel.

Os discípulos conheceram a amizade de Cristo

Os discípulos conheceram esta intimidade e a bênção dela decorrente num sentido muito particular. Sentiram-se seguros em lugares perigosos porque Ele ali estava. Aterrorizados, quando Satanás desencadeou a tempestade no lago, desejavam apenas que Cristo tomasse consciência do perigo. Eles sabiam que «as ondas não podem submergir o barco em que se encontra o Senhor do oceano, da terra e dos céus.» Atravessaram territórios hostis, dormiram em regiões selvagens, porque Ele estava com eles. Eles eram audaciosos em Sua presença. Mas quando Jesus lhes foi arrebatado fugiram aterrorizados. Um véu de tristeza e de consternação desceu sobre eles como uma mortalha. Conheceram uma dor indizível. No domingo de manhã cedo foi-lhes dirigida uma mensagem: «Dizei a Meus discípulos que estou vivo e que os verei hoje». Sua incerteza e ceticismo cederam perante a veracidade da notícia que se espalhava. Sol-

dados clamaram nas ruas que o morto estava vivo. Pessoas cujos funerais se tinham visto ou a cujo sepultamento se tinha assistido puseram-se a percorrer a cidade falando dum Deus ressuscitado. A Igreja ficou eletrizada. Verificava-se agora que a própria morte não pode arrebatar-nos o nosso companheiro de jornada.

A ressurreição de Cristo fundava a verdade do cristianismo. Se Ele não ressuscitou, a nossa religião é vã. Se Ele vive, era impossível que este Evangelho incomparável ficasse confinado num pequeno recôndito da Judeia. Cristo ordenou aos Seus discípulos que o anunciassem ao mundo inteiro. Como podia pedir-se-lhes que O deixassem passado tão pouco tempo depois da Sua ressurreição? «Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos». (Mat. 10:16). Sim, mas «eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos». (Mat. 28:20).

«Como é isso possível, Senhor?» disseram eles. Eles desejavam ter para sempre a Sua presença. Como poderiam eles tê-la se deviam dispersar-se pelo mundo? Como poderia Jesus estar aqui, na Ásia, na Europa, na África, por toda a parte ao mesmo tempo?

A isso Jesus respondeu; «Convém-vos que Eu vá, porque se Eu não for, o Consolador não virá a vós». (João 16:7). «Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos, e Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador... o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem O conhece; mas vós o conheceis porque habita convosco e estará em vós». (Cap. 14: 15-17). Tal é o divino segredo da presença permanente! Convosco e em vós — em todo o lugar! Onde quer que estejais!

A certeza da Sua companhia

Esta certeza deu ousadia aos discípulos e eles partiram sem temer e com um grande poder. Mateus termina o seu Evangelho com a ressurreição do Senhor crucificado e com estas palavras: «Eis que estou convosco todos os dias...» (Mat. 28:20). Marcos conclui escrevendo: «E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram». (Marcos 16: 20).

Esteve com eles na cruel perseguição que se seguiu. Esteve com eles no monte do mártirio e a sinistra ceifira não os aterrorisou.

«Quem nos separará?» perguntava Paulo. Após o desaparecimento de todos os discípulos, com excepção de João, o discípulo amado sentiu profundamente o cruel sofrimento da solidão em Patmos. O êxito da Igreja podia depender dele, que então se encontrava prisioneiro? Cristo uniu-Se a ele em visão e a triste ilha de Patmos transformou-se num paraíso. Ele viu Jesus glorificado e ouviu-O proclamar com voz clara e soberana: «Eu sou o primeiro e o último, e o que vivo». (Apoc. 1:17, 18).

João, tu não estás sózinho. Eu estou e estarei sempre contigo. Eu estou com a Minha Igreja. Depois, numa visão, Ele mostrou-Se a João no meio dos castiçais, para significar que acompanha constante e fielmente as igrejas de todas as épocas. Noutra visão, revelou-Se como o eterno companheiro dos homens que vem bater à sua porta. Mas não se limita a bater. Ele chama. Se alguém ouvir a Minha voz, diz Ele, e abrir, entrarei. Serei seu hóspede.

Cristo, nosso Senhor, busca a vossa companhia e a minha. Que honra suprema para nós! As portas de ferro da maldade e da infidelidade que nos separam dEle não O impedem de bater, de chamar e, se respondermos, de penetrar em nossa casa. Para que Ele entre não temos de ser amáveis e bons. Basta-nos abrir. Ele aquecerá nossas almas enregeladas. Deus habita num alto e santo lugar, e está também com o homem contrito e humilhado. Que condescendência! Que amor! Que graça!

Necessitamos desta comunhão

Esta comunhão é a solução para a perdição e o desespero dos homens do nosso tempo. A vida moderna é trepidante e gera o desequilíbrio de homens, mulheres e jovens. Abstracções de governos e religiões formalistas amarguram a boca e o coração. As gerações de hoje, como sucedeu com as de ontem, não aprenderam as lições da história. As ameaças de guerras subsistem por toda a parte. O perigo atómico impende sobre a humanidade qual espada de Damocles. Vivemos numa época de medo e de tormento. Grandes promessas ficam por realizar. As esperanças são abaladas. Sonhos são reduzidos a pó. Esta época tem necessidade de Jesus! A juventude, a humanidade têm necessidade de Jesus, da luz, da paz, da vida simples e tranqüila que a Sua presença traz consigo.

Os homens do nosso tempo desviam-se do «grande Médico», da «Luz do Mundo», do «Consolador», do «Príncipe da Paz». Desprezam os Seus conselhos e a Sua lei, o Seu apelo à renúncia própria e a Sua regra áurea. Os seus espíritos impuros submetem-se às solicitações da carne. A licenciosidade oferece-lhes uma miserável libertação do medo e angústia deste mundo demoníaco. A música, o vestuário, as conversas, os livros, os divertimentos são cuidadosamente calculados para degradar, perverter e arruinar. A obsessão sexual e a vulgaridade devoram os pensamentos nobres e puros, e arrastam as emoções e os corpos numa orgia sensual que faz desaparecer os impulsos para a santidade.

Cristo quer-nos por companheiro

Se quereis a paz, Jesus diz-vos: «Vinde a Mim». Nenhuma tensão, ódio ou medo pode subsistir em Sua presença. O homem foi criado para viver com Deus e na ausência da Sua comunhão jamais conhecerá a paz e a felicidade, não obstante os substitutos por ele utilizados.

Como podemos desfrutar Sua presença? Deus é um Salvador amante e compassivo. Interessa-Se por nós mais do que pensamos. Não é um juiz implacável desejoso de nos apanhar em falta. O que Ele de nós requer não são proibições absurdas. Não renunciamos a nada de valioso quando andamos com Ele. Não deixamos senão o que nos cobriria de vergonha e nos arruinaria a vida.

Cristo quer ser nosso companheiro de jornada. Como pode sê-lo? «Pedi e recebereis», «Orai sem cessar»; não apenas uma vez por dia mas pelo dia fora. Crede também que Ele é um Salvador maravilhoso para quem não existe acepção de pessoas. É um Deus de amor especializado nos casos difíceis. O Seu reino encher-se-á de antigos mentirosos, assassinos, ébrios, devassos e de todas as espécies de pecadores que pediram perdão e creram na promessa feita por Deus, Raab, a prostituta, lá estará também. «Se alguém abrir a porta, entrarei em sua casa». (Apoc. 3:20). Acreditai nisso. «Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve». (Isa. 1:18). Acreditai nisso. «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça». (1 João 1:9). Crede nisso. A coisa existe desde que creiais; mas nada sucederá se não crerdes.

É vendo o invisível que se pode fazer o que é impossível. «O justo viverá pela fé». Não temos dívidas a pagar nem coisas a pôr em ordem para estar em regra. Ele pagou a dívida e tudo regulou perdoando-nos. Orai, arrependei-vos, crede. Depois estai certos de que Ele cumpre a Sua promessa de estar convosco na escola, e vós vos aplicareis; no vosso emprego, e sereis fiéis; nas trevas, e sereis cuidadosos; nas vossas associações, e sereis honestos; na tentação, e sereis vitoriosos; na tristeza, e sereis felizes; no temor, e sereis confiantes; na sociedade, e sereis guardados do mal.

A força da Sua presença

O homem que anda com Deus e goza da Sua presença, que Lhe fala como a seu companheiro de jornada, que aprende a conhecer a vivificante simplicidade da Sua vontade e a vitória que dá o Seu poder, sim, esse homem amará um tão precioso Salvador. Todas as proibições prescritas pela verdadeira religião terão para ele um sentido.

«Ele habita em nosso coração pela nossa apropriação individual da fé. Temos a companhia da presença divina, e ao reconhecermos essa presença, são nossos pensamentos levados cativos a Jesus Cristo». — *Testemunhos para os Ministros*, pág. 388.

«Nenhum poder, perícia ou sabedoria terrestre pode suprir o lugar da presença duradoura de Deus». — *Patriarcas e Profetas*, pág. 328.

Satanás teme tanto a Cristo e é tão impotente perante Ele, que recusa ficar com aquele que está em relação com Jesus. A presença de Cristo junto de nós faz fugir Satanás e o seu exército; e quando Satanás fica em cheque, a carne mantém-se em repouso. A presença do nosso companheiro de jornada é um escudo protector. O cristão está em segurança e sente-o. Ele está do lado de Deus e sabe-o. A vontade divina é clara e vê-a. Ele anda no caminho de Deus e ama-O. Ele está em paz e aprecia-a. Está convertido e mostra-o.

«Ao andarmos com Jesus nesta vida, podemos encher-nos de Seu amor, satisfazer-nos de Sua presença. Tudo quando a natureza humana é capaz de suportar, é-nos dado receber aqui». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 245, 246.

Em íntima comunhão diária com Aquele que é santo, nós tornamo-nos santos; com Aquele que é amor, tornamo-nos amáveis.

Podemos ser como Jesus por meio de constante comunhão com Ele, e a Sua vida torna-se nossa. Vivemos, não uma vida como a Sua, mas a Sua vida. Este companheirismo amplia-se então, e ficamos rodeados por

um círculo vivo do cuidado de Deus. Os anjos tornam-se nossos conservos e guardas, e ficamos em paz com Deus e com os homens.

AMANHÃ OFERTA DA SEMANA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIO

Sábado, 11 de Novembro de 1966

CRISTO, MEU REI

por R. H. Pierson

Presidente da Conf. Deral

Li um dia estas linhas num jornal das Grandes Antilhas; «Os adventistas do sétimo dia comportam-se como pessoas que têm uma missão a cumprir». Esta apreciação é exacta. Donde provém este senso de urgência que constatamos nas fileiras do povo de Deus? Porque é que os obreiros assalariados desta Igreja, em número de mais de 62 000, pregam com fervor o Evangelho do reino em 1066 línguas? Porque é que nossas 44 casas editoras publicam revistas proclamando a mensagem adventista em 260 línguas diferentes? Há apenas uma explicação: Empregamos todos os nossos esforços tendo em vista a consecução de um alvo definido.

Esse objectivo é mencionado nestas palavras do Salvador, bem conhecidas de todos os adventistas do sétimo dia: «Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». (Mat. 24:14).

«O fim», a vinda de Jesus nas nuvens do Céu — eis o objectivo que nos esforçamos por atingir. A palavra «fim» utilizada pelo Salvador diz-se em grego *telos*, e exprime exactamente o que dizemos — um objectivo preciso, um alvo. Os adventistas propõem para si mesmos muitos alvos mas o maior entre todos é o *fim* — a «bem aventurada esperança» (Tito 2:13) da próxima vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Desejamos ardentemente que o nosso precioso Salvador e Advogado Se torne nosso Rei efectivo.

Que entendemos nós quando dizemos que o fim vem — que Cristo assumirá o justo lugar de Rei dos reis e Senhor dos senhores? Porque é que todo o verdadeiro e real

adventista do sétimo dia vive, ora e trabalha em vista desse dia? Para o filho de Deus, qual é o alcance da volta de nosso Senhor? Porque é esta para ele «a bem-aventurada esperança»?

O fim da tentação e do pecado

Quando Cristo Se tornar nosso Rei, não haverá mais tentação nem pecado. Neste velho mundo em que vivemos, como abundam o pecado e os seus resultados! Os jornais, a rádio, a televisão lembram-nos sem cessar a condição miserável do nosso planeta, causada pelo pecado cuja nefasta pressão todos conhecemos. Por vezes a vida de alguns de nós torna-se quase um fardo e o desânimo ameaça mesmo os santos mais firmes quando o maligno sem cessar os perturba.

«A esses desejava dizer: Não vos deixeis abater. Muitas vezes teremos de nos prostrar aos pés de Jesus e aí deveremos desanimar e erros; mas não devemos desanimar. Mesmo quando somos vencidos pelo inimigo, não somos repelidos, abandonados nem rejeitados por Deus». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 57.

Quando Jesus aparecer, quando o *fim* chegar, o poder de Satanás será definitivamente quebrado. Como será glorioso esse dia em que o grande sedutor deixará de ter acesso junto dos santos de Deus! «Não se levantará por duas vezes a angústia». (Naum 1:9).

«Ouvem com lágrimas de alegria e gratidão o elogio do Mestre. Esquecem-se dos dias de incessante trabalho, de fardos car-

regados e de temor e angústia, quando aquela voz mais doce que a música das harpas pronuncia as palavras: 'Bem está, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor'. — *Orientação da Criança*, pág. 569.

O fim do medo

Quando Cristo Se tornar nosso Rei, já não haverá mais medo. O medo reina no nosso mundo. Milhares, talvez milhões vivem hoje em países agitados pela tormenta e vivem dominados pelo medo. Em certos países as ameaças e a intimidação fazem por assim dizer parte da vida quotidiana. Há seres atemorizados em todas as regiões do globo. Uns têm medo de viver, outros de morrer. O medo *das privações*, o medo da *doença*, o medo *da aflição* perturbam a paz e afligem as vigílias da noite de milhares de homens. Como se expressou um dos nossos escritores: «O medo reveste-se de muitas formas. O medo de estar separado de Deus é o temor fundamental. O medo de estar só, o medo da realidade, o medo de fracassar, o medo de ser esquecido, o medo de ser diferente dos outros, o medo de ter tempo de pensar, o medo de nossas próprias emoções e uma multidão de outros medos estão intimamente associados. Há mesmo o medo do medo. Tememos perder a saúde, a razão, a vida. Receamos os nossos amigos, os nossos inimigos e com mais frequência ainda temos medo de nós próprios». — Marjorie Lewis Lloyd, *This Thing Called Fear*, p. 9.

Tenho observado que mesmo nas reservas de caça em África, o medo podia pôr em debandada um rebanho de zebras ou de animais selvagens através da anhara ou do mato em busca de um lugar seguro. Muitas vezes uma fera nervosa, atemorizada por um ruído ou por um som invulgar, lança o pânico no rebanho que estava pastando. Como é grande o medo tanto no homem como no animal!

Já aqui na terra e agora um terno Pai celeste quer falar de paz aos corações atemorizados: «Não temas, porque Eu sou contigo; Não te assombres, porque Eu sou teu Deus; Eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a dextra da Minha justiça» (Isa. 41:10).

Tive oportunidade de ver a seguinte inscrição num escritório: «O Medo bateu à porta. A Fé abriu-a e ninguém se encontrava lá». Não temas diante deles; porque Eu

sou contigo para te livrar, diz o Senhor». (Jerem. 1:8).

Na vinda de Jesus quando o nosso Pai celeste abrir de par em par as portas do Paraíso, que gloriosa libertação do medo! A segunda vinda de Cristo fará cessar todo o medo.

O fim das decepções e do desânimo

Quando Cristo Se tornar nosso rei, porá fim às decepções e ao desânimo. Vós, eu, cada um de nós sabemos algo acerca destes inimigos da nossa paz. «Na experiência de todos surgem ocasiões de profunda decepção e extremo desencorajamento». (*Profetas e Reis*, pág. 162).

Todos temos concebido planos que não surtiram efeito. Cada indivíduo faz um dia ou outro amargas experiências. Perdemos bens. Fazemos más colheitas. Não encontramos trabalho. Caimos doentes. Vemos sossobrar as nossas esperanças. Tudo vai mal. Experimentamos os sentimentos de Job quando declara: «A minha alma escolheria antes a estrangulação, e antes a morte do que estes meus ossos. A minha vida abomino, pois não viverei para sempre». Job 7:15 e 16.

Elias foi um dos personagens mais corajosos mencionados pela Bíblia. Mas, em certa altura, ele foi o homem mais desanimado de que a Bíblia nos fala. Pôde apresentar-se sem medo diante de Acabe, ímpio rei de Israel, e, corajosamente, censurá-lo a maneira como reinava. Algumas horas mais tarde fugiu, temendo as ameaças e a ira de Jesabel, mulher de Acabe.

Encontramos o profeta fugitivo a braços com o mais completo desânimo debaixo de um zimbro, longe do lugar que lhe tinha sido designado. Elias «assentou-se debaixo de um zimbro; e pediu em seu ânimo a morte. e disse: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida». 1 Reis 19:4.

Lembre-mos, quando nos acharmos abatidos, que também os homens mais corajosos da história bíblica conheceram períodos de profundo desânimo. E Deus os libertou. Ele nos libertará igualmente quando perdemos a coragem. Que dia de glória quando a Igreja de Deus for total e definitivamente libertada destes flagelos da nossa alma — quando Jesus vir como nosso Rei! Esse dia alegre porá fim às decepções e ao desânimo. «Na vida futura, os mistérios que aqui nos inquietaram e desapontaram

serão esclarecido. Veremos que as orações na aparência desatendidas e as esperanças frustradas têm lugar entre as nossas maiores bênçãos». — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 474. Esta esperança é realmente abençoada.

O fim da tristeza e da dor

Quando Jesus Se tornar nosso rei já não haverá mais tristeza nem dor. Quantas vezes tenho recebido cartas de pessoas que passaram pelo vale da sombra da morte com um ente querido! Quantas famílias de missionários foram quebradas por uma morte cruel e súbita! Penso na carta de uma jovem esposa e mãe que perdeu recentemente o seu marido num trágico acidente; «Agradeço-lhe pela sua carta de consolação, escreveu ela. É difícil de compreender porque isto sucedeu — porque Carlos me foi arrebatado quando era tão jovem e forte. Ele faz-me tanta falta! Mas agora aguardo com paciência a volta de Jesus, como jamais aguardei no passado, a fim de que meus filhos e eu estejamos de novo com ele».

Quantos corações doridos choram a perda de entes amados, oram todos os dias e desejam ardentemente que venha o Senhor da vida, Aquele que enxugará toda a lágrima e lhes restituirá para sempre os seus entes queridos! «Não haverá mais pranto, nem clamor, nem dor» após esse feliz dia, pois «Deus limpará de seus olhos toda a lágrima». (Apoc. 21:4). «Vós estareis tristes, disse Jesus, mas a vossa tristeza se converterá em alegria». (João 16:20).

Esta manhã o vosso coração sente-se oprimido por terdes perdido um ente amado? Se assim é, enchei-vos de coragem. «Os dias do teu luto findaram». (Isa. 60:20).

Quando Deus fizer desaparecer as lágrimas e dores, isso será para toda a eternidade. Os fracos esforços que envidamos para consolar os que choram são muitas vezes ineficazes, mas quando Deus enxuga os olhos inundados de lágrimas, isso é para sempre. Não haverá mais lágrimas ardentes nem corações partidos quando Jesus vier. Ele banirá para sempre a tristeza e a dor naquela gloriosa manhã em que Jesus vier como nosso rei.

O fim da morte

Quando Jesus Se tornar nosso rei então será o fim do inimigo mais implacável do

homem — a morte. «O último inimigo que há-de ser aniquilado é a morte», declara o apóstolo Paulo (1 Cor. 15:26). Todos temos estado ao lado de um parente querido doravante silencioso e cuja morte gelou o cadáver. Sabemos o que representa a separação de um ser que nos é chegado e que amamos.

Meu irmão, minha irmã, se o círculo da vossa família foi recentemente quebrado, se esta manhã o vosso coração está acobrunhado por um sofrimento amargo, tenho para vós uma boa nova! A vossa separação parecerá não ter durado por assim dizer senão um momento! O dia da alegre reunião está próximo! «Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. Dizemo-vos, pois isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras. (1 Tess. 4:13-18).

«Os meninos pequenos serão levados pelos anjos ao regaço de suas mães. Amigos longamente separados pela morte tornarão a abraçar-se, para nunca mais se separarem. Com regozijo e cânticos de alegria eles sobem juntos para a cidade de Deus. (*Orientação da Criança*, pág. 566). «Não haverá mais morte», assegura-nos Cristo, o Revelador e o Mestre da vida (Apoc. 21:4).

Que dia único! Que fim glorioso! A torrente das lágrimas secar-se-á para sempre. Os corações dos remidos já não cessarão de bater. «O dom gratuito de Deus é a vida eterna, quando Cristo, o Senhor da vida, Se tornar o Rei» (Rom. 6:23). Que conclusão palpitante para a triste história do pecado e do sofrimento deste mundo! É isso que será realizado pelo amor de Deus em favor de cada alma resgatada pelo sangue de Jesus Verdadeiramente, é uma bem-aventurada esperança!

O objectivo atingido

Sim, irmãos e irmãs, os adventistas do sétimo dia têm uma missão a cumprir, uma missão grande e gloriosa. Temos um alvo, um objectivo a atingir e para ele tendemos. Nossa missão e nosso objectivo consistem em viver uma vida consagrada, uma vida de vitória, e em pregar «este evangelho do reino em partilhar a nossa fé», em apressar a vinda de nosso Senhor que porá fim à tentação e ao pecado, às decepções e ao desânimo, à dor e ao sofrimento, à tristeza e à morte. Semelhante objectivo não merece uma consagração inteira do nosso ser e um serviço sem partilhas?

Neste último Sábado da semana de oração, em que outro ano está quase terminado não desejamos todos os que nos encontramos nesta igreja deter-nos e reflectir seriamente em nossas próprias necessidades espirituais e nas abundantes riquezas de Deus que podem suprir todas estas necessidades em Jesus Cristo? Não queremos dar-nos a nós mesmos completamente nesta manhã de Sábado, consagrar-nos de novo e totalmente à terminação da obra em nossas vidas, em nossa igreja e no mundo inteiro nesta geração? Não queremos fazer a nossa parte para apressar o dia em que Cristo, nosso precioso Salvador e Amigo, Se tornará o nosso Rei?

JESUS

Mais precioso que a pérola preciosa,
Mais olente que as rosas de Saron,
Desabrocha Jesus qual uma rosa
Que brotasse das águas de Cedron.

Ele é tudo na vida duvidosa:
Ele é a vida, Ele é a luz, é a cor, é o som,
Ele é a força, Ele é a paz maravilhosa
Que nos leva a sonhar um sonho bom.

Nem os lírios dos vales da Judeia,
Em seus cânticos suaves de epopeia,
Têm a graça e o fascínio de Jesus.

Porque o Filho de Deus é para o crente
Essa perla brilho transcendente,
Que refulge no engaste de uma cruz!

Jónatas Braga

Visado pela Censura

O Poder da Oração nas Tentações

Quão benigna e ternamente trata o Pai celeste a Seus filhos! Guarda-os de mil perigos que lhes são ocultos, preserva-os das artes subtis de Satanás, para que não sejam destruídos. Como o protector cuidado de Seus anjos não é manifesta à nossa imperfeita visão, não procuramos considerar e apreciar o sempre vigilante interesse nutrido por nosso bondoso e benévolo Criador para com a obra de Suas mãos; e não somos gratos pela multidão de Suas misericórdias, a nós dia a dia concedidas.

Os jovens ignoram os muitos perigos a que se acham diariamente expostos. Jamais os poderão conhecer a todos; se são vigilantes, porém, se oram sempre, Deus lhes conservará sensível a consciência e a percepção clara para poderem discernir a operação do inimigo, e serem fortalecidos contra seus ataques. Muitos dos jovens, todavia, têm por tanto tempo seguido as próprias inclinações, que o dever é para eles palavra sem significação. Não compreendem os elevados e santos deveres que têm a cumprir para beneficio de outros e para glória de Deus; e negligenciam por completo esses deveres.

Caso os jovens tão somente despertassem para sentir profundamente a sua necessidade de forças vindas de Deus para resistirem às tentações de Satanás, obteriam preciosas vitórias, bem como valiosa experiência na luta cristã. Quão poucos jovens pensam na exortação do inspirado apóstolo Pedro: «Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar. Ao qual resisti firmes na fé». I Pedro 5:8, 9. Na visão dada a João ele viu o poder de Satanás sobre os homens, e exclamou: «Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo». Apoc. 12:12.

A única segurança para os jovens é incessante vigilância e humilde oração. Não se devem lisonjear de que podem ser cristãos sem isso. Satanás oculta suas tentações e seus ardis sob uma cobertura de luz, como quando se aproximou de Cristo no deserto. Então, era aparentemente como um anjo celeste. O adversário de nossas almas aproximar-se-á de nós como um hóspede

celeste; e o apóstolo recomenda sobriedade e vigilância como nossa única salvaguarda. Os jovens que condescendem com uma atitude descuidosa e leviana, e negligenciam os deveres cristãos, estão continuamente caindo sob as tentações do inimigo, em vez de vencerem como Cristo venceu.

O serviço de Cristo não é penosa labuta para a alma completamente consagrada. A obediência ao nosso Salvador não prejudica a nossa felicidade e o verdadeiro prazer nesta vida, mas possui uma força refinadora sobre o carácter, elevando-o. O estudo diário das preciosas palavras de vida encontradas nas Escrituras revigora o intelecto, promovendo o conhecimento das grandes e gloriosas obras de Deus na natureza. Mediante o estudo da Bíblia aprendemos a viver de maneira a fruir a maior soma de pura felicidade. O estudioso da Bíblia acha-se também provido de argumentos escriturísticos de modo a poder enfrentar as dúvidas dos incrédulos, removendo-as pela brilhante luz da verdade. Os que pesquisam as Escrituras podem estar sempre fortalecidos contra as tentações de Satanás; é-lhes possível estar cabalmente preparados para toda a boa obra, e apercebidos para dar a quem quer que os interroge, a razão da esperança que os possui.

Ao orardes, queridos jovens, para que não sejais induzidos à tentação, lembrai-vos de que vossa parte não se limita a orar. Cumpre-vos então responder o mais possível à vossa oração, com o resistir às tentações, e deixai ao cuidado de Jesus o que não vos é possível fazer em vosso beneficio. Não podeis guardar-vos demasiado em palavras e comportamento, de modo a não convidardes o inimigo a tentar-vos. Muitos de nossos jovens, devido à sua descuidosa desconsideração para com as advertências e reprovações que lhes são feitas, abrem de par em par a porta a Satanás. Tendo a Palavra de Deus como Nosso guia, e Jesus como nosso Mestre divino, não precisamos ignorar as Suas reivindicações nem os ardis do inimigo, sendo vencidos por suas tentações. Não será desagradável a tarefa de obedecer à vontade de Deus, quando nos entregamos inteiramente a direcção do Seu Espírito.

E. G. WHITE

BOLETIM ADVENTISTA